UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA INTERUNIDADES DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

ALINY CRISTINA LOURENÇO

A Folia de Reis de São José do Barreiro:
recurso cultural brasileiro

(Versão corrigida)

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA INTERUNIDADES DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

ALINY CRISTINA LOURENÇO

A Folia de Reis de São José do Barreiro:
recurso cultural brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte para a obtenção do título de Mestre em Estética e História da Arte.

Linha de Pesquisa: Produção e Circulação da Arte.

Orientador: Prof. Dr. Édson Leite

(Versão corrigida)

SÃO PAULO

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da Publicação
Universidade de São Paulo
Museu de Arte Contemporânea
Biblioteca Lourival Gomes Machado

Lourenço, Aliny Cristina.

A Folia de Reis de São José do Barreiro: recurso cultural brasileiro/Aliny Cristina Lourenço; orientador Edson Leite. -- São Paulo, 2014.
127f. :il.

Dissertação (Mestrado—Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) -- Universidade de São Paulo, 2014.

1.Folia de Reis. 2. Festas Populares – Brasil.3. São José do Barreiro (SP).
4.Patrimônio Imaterial. 5. Cultura Popular. I. Leite, Edson. II. Título.

CDD 398.09851

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aliny Cristina Lourenço

Folias de Reis em São José do Barreiro: recurso cultural brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estética e História da Arte.

Linha de Pesquisa: Produção e Circulação da Arte.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

À minha família, meu porto seguro e razão do que sou.

À minha avó, Guilhermina Dias (*in memoriam*),
primeira a me ensinar, em toda sua sabedoria,
as belezas da cultura popular.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Édson Leite, pela dedicação e atenção durante todo o processo de orientação, contribuindo para meu crescimento científico e intelectual. Por sua paciência, por seu carinho e por sua sensibilidade que foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Aos Profa. Dra. Jane Marques e Prof. Dr. Renato Seixas, pelas sugestões dadas em minha banca de qualificação que muito contribuíram para a conclusão do presente trabalho.

Ao Programa Interunidades de Pós Graduação em Estética e História da Arte, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

Às Profa. Dra. Carmen Aranha, Profa. Dra. Elza Ajzenberg, Profa. Dra. Ecléa Bosi e Profa. Dra. Rose Satiko por seus ensinamentos durante o curso das disciplinas.

À Profa Dra Flávia Toni, coordenadora do grupo de pesquisas em Folias, do IEB/USP, pelo auxílio nas reflexões e na indicação de bibliografia que muito ampliou a direção deste trabalho.

À Adriana da Silva Oliveira e Priscila Ribeiro, companheiras do grupo de pesquisa em Folias, pelos ótimos momentos de pesquisa de campo em conjunto e pela contribuição com filmagens, fotografias e conversas.

À Maria Cristina Caponero, pelo incentivo, pelas sugestões, pelos ótimos momentos de conversa e reflexões durante nossos encontros e viagens para participação em eventos, que muito auxiliaram no processo da pesquisa.

Aos Foliões de Reis de São José do Barreiro, especialmente aos mestres Laércio Rodrigues, Jesus Pereira de Lima e Lúcio Mário de Alcântara e suas famílias, que me acolheram com todo o carinho e me ensinaram muito, não só sobre Folias de Reis, mas sobre amizade, companheirismo e solidariedade.

A toda comunidade de São José do Barreiro que me acolheu com muito carinho, aos devotos das casas por onde passei, acompanhando as folias, oferecendo-me, além de ótima acolhida, também deliciosos lanches, almoços e até pousos.

À minha família, meus pais Eunice e Pedro, meu irmão Alan e minha cunhada Vivian, pelo total apoio em todos os momentos, inclusive me acompanhando em algumas viagens para pesquisa; pelo incentivo, não me deixando desistir nos momentos mais difíceis e também compreendendo todas as minhas dificuldades e ausências.

Aos amigos Liliana, Silvia, Tatiane, Fernando, Ademir, Patrícia, Luciana e Alexandre por me incentivarem nos momentos de desânimo, contribuírem com sugestões, reflexões e por também compreenderem minhas ausências.

Às amigas Dayse, Tânia e Alessandra que tanto me incentivaram e me compreenderam durante todo este tempo de “sumiço”.

A todos aqueles que eu conheci durante este processo e que, de alguma forma, contribuíram não só para esta pesquisa, mas também para meu crescimento pessoal.

A todos, muito obrigada!

RESUMO

LOURENÇO, Aliny Cristina. **A Folia de Reis em São José do Barreiro: recurso cultural brasileiro**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa Interunidades de Pós Graduação em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2014.

A Folia de Reis é uma festa popular presente em várias regiões do Brasil desde a época da colonização brasileira, com variações regionais e transformando-se através dos tempos. Esta pesquisa investigou a ocorrência desse recurso cultural em São José do Barreiro, cidade do interior paulista, onde ela acontece há mais de 90 anos, sem interrupções. Inserida no contexto da religiosidade popular brasileira, esta manifestação cultural traz em seu seio as várias características do povo brasileiro, expressas em seus diversos símbolos e nas relações entre devotos-foliões e comunidade. Recebendo diversas influências ao longo dos anos e recriando-se constantemente, não perdeu seu sentido principal, a de manifestar a sua fé através de rituais que incluem diversas expressões (musicais, dramáticas e plásticas), constituindo-se, assim, um importante recurso cultural que deve ser salvaguardado, não só pelos órgãos governamentais, mas também pela comunidade local, verdadeira detentora do saber e da qual depende a efetiva prática da transmissão para as futuras gerações. Neste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica exploratória, buscando-se um referencial teórico para a compreensão e elucidação dos fatos sem desprezar o registro da memória coletiva obtida através de entrevistas abertas realizadas com os detentores da festa.

Palavras chaves: Cultura Popular; Recursos Culturais; Patrimônio Cultural Imaterial; Festas Populares; Falias de Reis

ABSTRACT

The Folia de Reis is a popular festival present in many regions of Brazil since the time of colonization of Brazil, with regional variations and turning through the ages. This research investigated the occurrence of this cultural resource in São José do Barreiro city in São Paulo state, where it happens for more than 90 years without interruption. Set in the context of Brazilian popular religiosity, this cultural event brings in its bosom the various features of the Brazilian people, expressed in its various symbols and relationships between devotees, revelers, and community. Receiving various influences over the years and constantly re-inventing itself, has not lost its primary sense, to express their faith through rituals that include various expressions (musical, dramatic and plastic), thus constituting an important cultural resource that must be protected, not only by government, but also by the local community, which holds true of knowledge and of which depends on the effective practice of transmission to future generations. In this paper an exploratory literature search was conducted, seeking a theoretical framework for understanding and elucidating the facts without neglecting the record of collective memory obtained through open interviews with the holders of the party.

Keywords: Popular Culture; Cultural Resources; Immaterial Cultural Patrimony; Popular festivals; Folia de Reis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: <i>Patrimônios imateriais registrados até julho de 2014.</i>	59
Figura 1: <i>Idílio familiar</i> . Detalhe do Mosaico de Dionísio.	35
Figura 2: Pieter Bruegel. <i>A batalha do carnaval e da quaresma</i>	37
Figura 3: Jean-Baptiste Debret. <i>Folia do Divino</i>	40
Figura 4: Albert Eckhout. <i>Dança dos tapuias</i>	42
Figura 5: Johann Moritz Rugendas. <i>Festa de Nossa senhora do Rosário</i>	43
Figura 6: Johann Moritz Rugendas. <i>Batuque</i>	44
Figura 7: Carlos Julião. <i>Coroação de um rei negro no festejo de Reis no Rio de Janeiro</i>	45
Figura 8: Candido Portinari. <i>Bumba meu boi</i>	47
Figura 9: Tarsila do Amaral. <i>Carnaval em Madureira</i>	47
Figura 10: Heitor dos Prazeres. <i>Frevo</i>	48
Figura 11: Djanira da Motta e Silva. <i>Festa do Divino em Parati</i>	48
Figura 12: Giotto. <i>A adoração dos Magos</i>	64
Figura 13: Pequeno altar com presépio, na casa de devotos à espera da Folia De Reis	66
Figura 14: Forte dos Reis Magos, Natal, RN.....	69
Figura 15: Conjunto Arquitetônico de Nova Almeida, Serra, ES.	69
Figura 16: Folia de Reis "Divino Espírito Santo"	77
Figura 17: Folia de Reis "Sertão da Onça"	78
Figura 18: Depois do pouso, despedida da casa de Dona Dulcineia.....	80
Figura 19: Mestre Marinho (Lúcio Mário de Alcântara)	82
Figura 20: Mestre Jesus Pereira de Lima	83
Figura 21: Mestre Laércio Rodrigues	84
Figura 22: Alferes da Folia Divino Espírito Santo	85
Figura 23: Sr. José Ribeiro, alferes da Bandeira "Sertão da Onça"	85
Figura 24: Sr. Valter Caetano, alferes da Bandeira "Sertão da Onça"	86
Figura 25: Palhaço da Folia Sertão da Onça.....	88
Figura 26: A dança do palhaço	88
Figura 27: Pequeno palhaço, Nathan, neto do mestre Laércio	89
Figura 28: Kauã, neto do mestre Laércio, aprendendo a ser palhaço da Folia.....	89
Figura 29: Bandeira da Folia "Sertão da Onça"	90
Figura 30: Bandeira da Folia de Reis "Divino Espírito Santo"	90
Figura 31: Objetos de promessa da Bandeira.....	91
Figura 32: Os três arcos do caminho de Belém.....	93
Figura 33: Sentinelas do primeiro arco	94
Figura 34: As Três Marias ou a Estrela Guia.....	94
Figura 35: A festeira Marinete, da Bandeira Divino Espírito Santo, na festa de 2013.....	95
Figura 36: A festeira recebe a Bandeira.....	95
Figura 37: O rei Herodes tenta impedir a passagem da bandeira	96
Figura 38: Brincadeira dos palhaços para enganar Herodes	96
Figura 39: A Estrela do Oriente chega ao presépio.....	97

Figura 40: Os festeiros, a bandeira e o presépio	97
Figura 41: O jantar	98
Figura 42: Mutirão para servir o jantar.....	99
Figura 43: Os festeiros e os palhaços, durante festa da Bandeira Divino Espírito Santo	99
Figura 44: Momentos de brincadeiras durante o ritual para passagem da coroa.....	100
Figura 45: Cumprimentos aos novos festeiros	100
Figura 46: A coroa dos Santos Reis	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNF – Comissão Nacional do Folclore

CONDEPHAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. Tema.....	14
2. Objetivos.....	14
2.1. Objetivo Geral.....	14
2.2. Objetivos Específicos:.....	14
3. Problemática	15
4. Justificativa.....	15
5. Procedimentos Metodológicos.....	21
CAPÍTULO 1	23
CULTURA, IDENTIDADE E FESTAS POPULARES.....	23
1.1. Cultura Popular	23
1.2. Memória Cultural	27
1.3. Identidade Cultural	31
1.4. As festas populares.....	34
1.5. As festas populares no Brasil	40
CAPÍTULO 2	49
PATRIMÔNIO IMATERIAL BRASILEIRO.....	49
2.1. A construção do conceito de patrimônio imaterial no Brasil	49
2.1. Os problemas com o termo.....	53
2.2. O registro e seus problemas.....	55
2.3. Bens Imateriais registrados pelo IPHAN.....	57
CAPÍTULO 3	61
A FOLIA DE REIS DE SÃO JOSÉ DO BARREIRO	61
3.1 A origem da devoção aos Santos Reis	61
3.2 A origem das folias	70
3.3. As Folias de Reis.....	75
3.4. Os integrantes das Folias de Reis	80
3.4.1. Mestre e contramestre.....	82
3.4.2. Alferes	84
3.4.3. Músicos	86
3.4.4. Palhaços	86
3.5. A Bandeira	89
3.6. O Dia da Festa.....	92
Considerações Finais.....	102

Referências Bibliográficas:	107
ANEXOS	117

INTRODUÇÃO

1. Tema

A Folia de Reis é uma festa popular presente em várias regiões do Brasil desde a época da colonização brasileira, com variações regionais e transformando-se através dos tempos. Esta pesquisa investigou a ocorrência deste recurso cultural em São José do Barreiro, cidade do interior paulista, onde ela acontece há mais de 90 anos, sem interrupções.

Inserida no contexto da religiosidade popular brasileira, esta manifestação cultural traz em seu seio as várias características do povo brasileiro, expressas em seus diversos símbolos e nas relações entre devotos-foliões e comunidade.

2. Objetivos

2.1. Objetivo Geral

O presente estudo teve como objetivo geral:

- Analisar a Folia de Reis da cidade de São José do Barreiro, a fim de compreender o seu processo de preparação, organização, realização e a importância para os foliões e membros da comunidade, e também sua relevância para a cultura popular nacional.

2.2. Objetivos Específicos

O presente estudo teve como objetivos específicos:

- Identificar algumas das transformações e adaptações que essa festa recebeu ao longo dos anos,
- Compreender a importância pessoal para aqueles que participam dessa festa, através de depoimentos dos foliões e da comunidade devota;

- Compreender o significado da tradição, dos personagens e dos diversos símbolos dessa manifestação.
- Contribuir para o reconhecimento dessa manifestação como um bem cultural que deve ser salvaguardado.

3. Problemática

Os problemas de pesquisa levantados pelo presente estudo incluíram:

- Quais as características da Folia de Reis na localidade?
- Quais as transformações significativas que os foliões mais antigos relatam ter ocorrido ?
- Qual a simbologia dos seus elementos visuais e personagens?
- Quais os motivações para aqueles que dela participam?
- Como a Folia de Reis de São José do Barreiro pode contribuir para a valorização da identidade do povo brasileiro e seu patrimônio cultural?

4. Justificativa

O interesse neste estudo partiu da experiência da pesquisadora como arte educadora em escola pública, uma vez que sempre buscou em suas aulas resgatar com seus alunos (muitos oriundos de outras cidades ou estados) as manifestações culturais que eles (os mais velhos) já haviam vivido ou, no caso dos mais jovens, o que seus familiares lhes contavam. Essas aulas aconteciam não só como forma de entretenimento ou conhecimento, mas acima de tudo com o objetivo de valorizar a vivência desses alunos e também criar, tanto nos adultos como nos jovens, um sentimento de pertencimento e de valorização de nossa cultura.

Paralelamente, a pesquisadora sempre realizou estudos informais sobre cultura popular através de leituras, viagens e cursos. No decorrer dessas pesquisas

informais, foi recolhendo diversos registros de memória, percepções, reflexões, fotografias e filmagens de inúmeras expressões populares. Com o passar dos anos, foi também amadurecendo a ideia de construir um projeto para uma pesquisa mais formal, que respondesse a diferentes indagações, principalmente relacionadas à proteção e manutenção dos diversos recursos culturais brasileiros.

Diante disto, procurou uma manifestação no estado de São Paulo que fosse bastante antiga e que ainda continuasse ativa para poder investigar quais suas principais características, como elas se transformaram ao longo dos anos e qual o sentido de sua permanência para a comunidade. Nesta busca, através de pesquisas junto ao Museu do Folclore do Vale do Paraíba, foi escolhida a cidade de São José do Barreiro, que possui a mais antiga Folia de Reis do Vale do Paraíba, fundada em 1920 e que nunca deixou de fazer sua jornada anual.¹

Esta pesquisa investigou ainda as origens dessa manifestação no Brasil, as características que ela assume em diferentes regiões do país e na localidade, além de verificar se há alguma forma de salvaguarda dessa tradição.

O interesse em estudar a cultura popular brasileira e a preocupação em preservá-la como patrimônio são antigos. Expandindo-se com o Movimento Modernista de 1922, a discussão sobre cultura popular e patrimônio cultural brasileiro sempre nos remete a nomes como: Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Lúcio Costa, Silvio Romero, entre outros. O que temos preservado hoje se deve a esses e muitos outros nomes que, levando em consideração todo o tempo em que nossa cultura foi tratada como primitiva, chamaram a atenção de outros intelectuais, do poder público e de uma parte significativa da nação brasileira para a importância de conhecer, respeitar e preservar o maior bem de um povo: sua cultura, que é sua memória.

Segundo Câmara Cascudo, esse patrimônio de tradições é o folclore, que ele define assim:

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é

¹ A referência sobre a Folia de Reis “Sertão da Onça” ser a mais antiga do Vale do Paraíba pode ser encontrada em: BUENO, Fábio Martins. *O saber e o fazer no Museu do Folclore*. Coleção Cadernos de Folclore, vol. 22. São José dos Campos/SP: CECP; FCCR, 2012.

milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais (CASCUDO, 1967, p.9).

Em 1937, através de esforços de Mário de Andrade, Lúcio Costa e outros é criado o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), com a preocupação inicial de preservar cidades e construções, o chamado patrimônio de “pedra e cal”. Porém, a legislação que protege os chamados bens intangíveis ou imateriais é muito recente: o Decreto 3.551 que institui o inventário e o registro desses bens é de 4 de agosto de 2000.

Segundo Regina Abreu e Mário Chagas, esse Decreto:

[...] descortinou um panorama que alterou radicalmente a correlação de forças até então vigente... o de valorizar o tema do intangível, contribuindo social e politicamente para a construção de um acervo amplo e diversificado de expressões culturais, em diferentes áreas: línguas, festas, rituais, danças, lendas, mitos, músicas, saberes, técnicas e fazeres diversificados (ABREU; CHAGAS, 2003, p.13).

Muitos outros intelectuais, nas últimas décadas, têm se debruçado sobre o tema da cultura popular, revelando e iluminando uma gama de riquezas em conhecimentos sobre todas essas tradições: danças, festas, folguedos etc. Entre muitos autores podemos destacar: Carlos Rodrigues Brandão, Antonio Augusto Arantes, Alceu Maynard Araújo, Américo Pellegrini, José Ramos Tinhorão e outros importantes nomes das Ciências Humanas. Além disso, verifica-se que tem aumentado, paulatinamente, o número de trabalhos (livros, teses, dissertações, artigos) discutindo esse tema, concluindo-se que, nos últimos anos, está ocorrendo uma maior valorização da cultura popular como recurso cultural, porém ainda insuficiente frente à diversidade de nosso país.

Uma gama diversificada de profissionais da área das Ciências Sociais e Humanas vêm sendo requisitados pelo poder público para formular novas metodologias de pesquisa e novas estratégias de ação, capazes de dar conta da recente concepção patrimonial; segmentos sociais diversos reivindicam lugar de destaque para manifestações culturais distintas. (ABREU; CHAGAS, 2003, p.14).

Nessa mesma linha de raciocínio, Ricardo do Carmo (2010) ressalta que essa nova noção de patrimônio ainda está em expansão, sendo necessário aguardar certo tempo para se conhecer seu verdadeiro impacto sobre as comunidades.

Tais argumentações ressaltam a importância cultural das celebrações populares, pois ajudam a afirmar uma identidade nacional e também as identidades locais, reforçando a diversidade cultural brasileira. Por outro lado, há também a importância econômica. As diversas festas servem como uma atração ao turismo, que, nacionalmente, vem aumentando com o decorrer dos anos em face do incentivo governamental, como também por causa de um melhor poder aquisitivo da população e ao interesse do povo em conhecer suas raízes. Esse crescimento do turismo faz com que o comércio e o setor de serviços das mais variadas localidades cresçam, além de terem a oportunidade de divulgarem seus artesanatos e suas diversas manifestações culturais.

A festa popular configura-se enquanto um objeto de interesse de estudo por agregar múltiplos elementos: visuais, musicais, cênicos, sacros, profanos e sociais. Kodama afirma que “a festa da cultura subalterna é um mosaico de diferentes manifestações esquecidas ou já recolhidas na memória longínqua que se apresenta com outras roupagens” (KODAMA, 2009, p.29); e, segundo Caponero e Leite as festas são “dotadas de um impressionante significado e um sentido permeado de conotação simbólica, mítica e de função coletiva, enriquecendo o cotidiano do povo brasileiro...” (CAPONERO; LEITE, 2010, p. 100).

Ainda para Caponero:

As festas populares são recursos culturais importantes para a compreensão da diversidade cultural brasileira, pois enriquecem a vida social e são elementos significativos no processo de reconhecimento da identidade nacional. (CAPONERO, 2009, p.27)

Das variadas festas espalhadas pelo Brasil, a Folia de Reis está presente em quase todo território nacional, com suas adaptações e identidade locais. A Folia de Reis é um folguedo que encena a viagem dos Reis Magos a Belém para louvar o menino Jesus. Os integrantes do grupo são os foliões que vão de casa em casa, visitar o menino Jesus no presépio, geralmente entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, entoando cantos e orações e carregando a bandeira, símbolo do grupo. Nascida dos reisados portugueses, no Brasil difundiu-se no interior e mesmo nas grandes cidades onde aparece em locais de concentrações de migrantes das zonas rurais. Segundo Maynard Araújo (1977), em algumas regiões, as Falias de Reis acontecem até 2 de fevereiro².

Em *Festas De Fé* (2003, p. 40), Percival Tirapeli apresenta as principais características da Folia de Reis e comenta essa peculiaridade. Para ele, “nos grandes centros urbanos, é recriada pelos migrantes vindos do interior, demonstrando a vitalidade de uma das únicas formas de tradição popular brasileira que sobrevive e se adapta à vida urbana”.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho nasce do interesse por entender como festas e folguedos tradicionais conseguem sobreviver nos dias atuais e, como certas características conservam-se, adaptam-se ou transformam-se em determinadas localidades.

Além disso, há uma grande preocupação na conservação dos bens culturais brasileiros, principalmente os chamados imateriais. Os órgãos responsáveis pelo registro desses bens ainda encontram grande dificuldade em estabelecer uma metodologia para garantir a salvaguarda dessas manifestações consideradas

² No dia 02 de fevereiro completasse quarenta dias no nascimento de Jesus, ocorrido dia 25 de dezembro. Neste dia a Igreja Católica comemora o “Dia da Apresentação do Nosso Senhor”, lembrando o episódio bíblico da “Apresentação do Menino Jesus ao Templo”, também conhecido como “Dia da Purificação da Virgem Maria”, “Dia de Nossa Senhora das Candeias” ou “da Candelária”. Este episódio é descrito no evangelho de São Lucas 2: 22-40, relatando que a Virgem Maria e São José levam o Menino Jesus para o Templo de Jerusalém quarenta dias após o nascimento para completar a purificação de Maria após o parto e para realizar a redenção do primogênito.

intangíveis. A Folia de Reis, manifestação tão conhecida e difundida por todo Brasil, em nível nacional não aparece sequer como processo em andamento.

A estância turística de São José do Barreiro está localizada no Vale do Paraíba, na microrregião de Bananal, estado de São Paulo, a 273 km da capital, com aproximadamente 4.190 habitantes (Censo IBGE 2013)³. O acesso se dá pela Rodovia dos Tropeiros, que liga a região à Rodovia Presidente Dutra. A zona urbana localiza-se aos pés da Serra da Bocaina e parte da zona rural estende-se ao longo da própria serra. Na cidade, também, localiza-se a sede do Parque Nacional da Serra da Bocaina.

A história da cidade ajuda-nos a entender sua riqueza cultural. Fundada como arraial em 1820 e elevada à vila em 1859, teve um grande desenvolvimento com a abertura de inúmeras fazendas para o plantio de café, o que deu ao município um importante lugar na cafeicultura paulista. Localizada no estado de São Paulo, mas muito próxima às divisas dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, foi crescendo com a chegada de famílias desses diferentes estados. Assim, suas variadas festas (“Festa de Julho” em homenagem ao padroeiro São José, carnaval com blocos de rua e Folias de Reis) são fruto desse encontro de influências dos três estados.⁴

A primeira bandeira de Folia de Reis chegou ao bairro Sertão da Onça, localizado no alto da Serra da Bocaina, em 1920, trazida pelos mineiros, da cidade de Aiuroca, Alexandre Ramos, Antonio Rodrigues de Lima e Gustavo Diniz e, desde então, nunca deixou de realizar sua jornada. Outras bandeiras descenderam dessa primeira, na mesma região e também em cidades próximas. A Folia de Reis Divino Espírito Santo é uma delas, segunda bandeira da região, iniciando sua saída em 1955 e também sem interrupções até hoje. Mais tarde ainda surgem outras duas Folias de Reis na cidade: o grupo “Miranda” do bairro Formosa e o Grupo do bairro “Graúna”.⁵

³ Disponível em: < [http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354960&search= || infogr%E1ficos:informa%E7%F5es-completas](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354960&search=||%20infogr%E1ficos:informa%E7%F5es-completas)>. Acesso em 30/04/2014.

⁴ Segundo dados recolhidos em jornais da região, a cidade também contava com grupos de jongo, como revela uma publicação sobre o centenário da cidade (em anexo). Porém, atualmente, não há mais registros dessa manifestação na cidade.

⁵ A escolha do trabalho de pesquisa com os dois grupos, “Sertão da Onça” e “Divino Espírito Santo”, deu-se pelos motivos de sua longevidade e permanência e também porque os foliões desses dois grupos são muito

As Folias de Reis de São José do Barreiro também espalham sua tradição por outros locais: a Companhia Santo Antonio do bairro do Tinga, em Caraguatatuba, foi fundada em 1998 pelos irmãos Francisco Paulo da Silva, Antonio Francisco da Silva e o amigo José Cardoso da Silva, que já participavam de grupos de Folias de Reis na cidade de São José do Barreiro desde 1963. A Folia de Reis do Pontal da Cruz, em São Sebastião, também foi formada por antigos foliões de São José do Barreiro. Isso nos mostra o quanto essa manifestação tem importância para aqueles que dela participam e o quanto o povo ainda persiste no sentido de não deixar a tradição acabar.

5. Procedimentos Metodológicos

Pela natureza desta pesquisa, foram privilegiados procedimentos de caráter qualitativo, sem que houvesse desprezo por dados numéricos que pudessem vir a contribuir para o conhecimento da realidade. Para tanto foi realizada uma pesquisa exploratória tendo em vista a pouca literatura existente sobre o assunto, conduzindo à necessidade de concentração dessas informações. Para Gil:

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (GIL, 2008, p.27)

Foi realizado levantamento bibliográfico sobre as origens e transformações das festas populares, bem como, especificamente, da festa proposta para o estudo: a Folia de Reis (desde seu surgimento na Península Ibérica, sua transposição para o Brasil, sua apropriação, sua dispersão por todas as regiões brasileiras e seu surgimento no estado de São Paulo). Também foi feito um levantamento bibliográfico sobre a questão do patrimônio cultural em termos gerais e especificamente sobre patrimônio imaterial.

próximos (Mestre Laércio do Grupo Sertão da Onça é sogro do Mestre Marinho do grupo Divino Espírito Santo), estabelecendo uma relação de cooperação e solidariedade entre os grupos. Quando faltam músicos em um dos grupos, eles se revezam, contribuindo para a manutenção e sobrevivência das duas companhias.

Para a pesquisa também foram consultadas fontes secundárias: livros, teses, dissertações, documentos impressos, jornais, revistas, documentos fonográficos e visuais (fotografias, filmagens e iconografias). Para tanto foram realizadas consultas em bibliotecas, arquivos, museus e *sítes* com registros que auxiliaram no resgate da memória da Folia de Reis.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravadores em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI; LAKATOS, 2000, p.185).

Ainda quanto à metodologia, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de observação, participação nas festas, entrevistas e conversas com os organizadores, participantes, visitantes, além de outros moradores. Com o objetivo de registrar a memória dessa festa na comunidade foi feita uma coleta de informações e dados propondo entrevistas elaboradas a partir de diferentes inserções das pessoas na Folia de Reis de São José do Barreiro.

Foram realizados registros fotográficos e filmagens para análise da plasticidade dos símbolos e vestuários, registrando o ritual da manifestação, assim como os cantos e outros momentos expressivos dos participantes, tanto foliões como a comunidade.

A pesquisa de campo foi realizada durante a Folia de Reis em São José do Barreiro nas edições de 2012/2013 e 2013/2014.⁶

⁶ As Falias de Reis iniciam sua jornada em dezembro de um ano e estendem-se até janeiro do outro ano.

CAPÍTULO 1

CULTURA, IDENTIDADE E FESTAS POPULARES

1.1. Cultura popular

O termo cultura é conceituado por alguns autores como o conjunto de crenças, arte, moral, lei, costumes, conhecimentos, habilidades e hábitos adquiridos pelo homem no ambiente em que vive. São todas as formas de vida e de expressão de uma sociedade. Segundo Laraia, no campo da Antropologia:

O termo cultura vem do verbo latino colere (cultivar, criar, cuidar) que originalmente era utilizado para o cultivo ou cuidado com a planta. No final do século XVIII, o termo germânico kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, já na França, civilization refere-se principalmente às realizações materiais de um povo (LARAIA, 2003, p.25).

Os antropólogos, de maneira geral, definem cultura como conceito básico central de sua ciência, atribuindo a essa palavra o desenvolvimento de cada ser humano por meio da educação, da instrução sem, no entanto, atribuir juízo de valor entre as culturas, pois não consideram uma superior à outra, mas apenas diferentes; dando à cultura um significado amplo que engloba os modos comuns e apreendidos na vida, transmitidos através das gerações. Assim, até o século XVIII:

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...] hoje, contudo, seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo “cultura” muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser aprendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante (BURKE, 1989, p.25).

Cultura abrange todo o conjunto de obras humanas, tendo sua origem na capacidade mental do homem, ela é uma tarefa social e não individual; não é adquirida apenas, ela é também transmitida e transformada pelas experiências vividas pelo homem ao longo dos tempos.

Entende-se aqui por cultura os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas (VIANNA, 2008, p.119).

É a cultura que distingue o homem dos outros animais, pois: “[...] só o animal humano é capaz de ação transformadora consciente, ou seja, é capaz de agir intencionalmente (e não apenas instintivamente ou por reflexo condicionado) em busca de uma mudança no ambiente que o favoreça” (CORTELLA, 2003, p.41). Como afirma Rios, “cria-se cultura porque as maneiras de atender às necessidades não estão inscritas na natureza do homem, como acontece com os animais” (2008, p.32). Cultura diz respeito à humanidade como um todo, e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos sociais. Sendo definida como “mundo transformado pelos homens” (RIOS, 2008, p.30) ou, ainda “esse meio ambiente humano, por nós produzido e no qual somos produzidos” (CORTELLA, 2003, p.39).

Não existe notícia de nenhum povo que não possua uma cultura, pois a mesma é resultado de uma capacidade inerente a qualquer humano e por todos nós realizada. Antes de tudo, a cultura é ainda o espaço no qual o homem desenvolve-se na vida social e histórica. Cortella esclarece que:

[...] é absurdo supor que alguém não tenha cultura; tal concepção, uma discriminação ideológica interpreta a noção de cultura apenas no seu aspecto intelectual mais refinado e não leva em conta a multiplicidade da produção humana coletivamente elaborada. Nós humanos somos, igualmente, um produto cultural; não há humano fora da Cultura, pois ela é o nosso ambiente e nela somos socialmente formados (com valores, crenças, regras, objetos, conhecimentos etc.) e historicamente determinados (com as condições e concepções da época na qual vivemos) (CORTELLA, 2003, p.42).

Sendo a cultura elemento de produção humana, temos culturas de diversas ordens, construídas através dos tempos por várias gerações e diferentes classes sociais. No entanto, todas elas são autênticas e o que as diferencia é o momento histórico no qual foram produzidas, não havendo espaço para um discurso de cultura superior ou inferior, mas de culturas diferentes. Ou seja:

[...] cultura é, na verdade, tudo o que resulta da interferência dos homens no mundo que os cerca e do qual fazem parte. Ela é a resposta humana à provocação da natureza e é ditada não por esta, mas pelo próprio homem [...]. Assim, não se pode falar em sujeitos cultos e não – cultos. Todos os homens são cultos, na medida em que participam de algum modo da criação cultural, estabelecem certas normas para sua ação, partilham valores e crenças (RIOS, 2008, p.32-33).

Entendemos então, que todas as pessoas possuem cultura e que a mesma apresenta-se de forma diferente em cada grupo, pois a mesma carrega características próprias de seu povo.

Dessa forma, apresentamos um estudo sobre as principais acepções do termo cultura e suas implicações, bem como as diversas classificações de cultura, como material ou imaterial, real ou ideal. Para melhor compreensão desses termos:

Cultura material consiste em coisas materiais, bens tangíveis, incluindo instrumentos, artefatos e outros objetos materiais, fruto da criação humana e resultante de determinada tecnologia. [...] **Cultura imaterial** refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não têm substância material. Entre eles encontram-se as crenças, conhecimentos, aptidões, hábitos, significados, normas, valores. [...] **Cultura real** é aquela em que, concretamente, todos os membros de uma sociedade praticam ou pensam em suas atividades cotidianas. [...] **Cultura ideal** consiste em um conjunto de comportamentos que, embora expressos verbalmente como bons, perfeitos para o grupo, nem sempre são frequentemente praticados (MARCONI; PRESOTTO, 1986, p.46-47).

Nestas classificações temos conhecimentos, crenças, valores, normas e símbolos como elementos constituintes da cultura e que fazem parte de nosso dia a dia. Portanto, a sociedade brasileira não tem uma “cultura” já determinada, pois, nada tem de homogêneo e uniforme, sua forma complexa e mutável resulta de interpretações da cultura erudita, da cultura popular e da cultura de massas. Bosi assim conceitua esses termos:

Cultura de massa, indústria cultural [...], uma realidade cultural imposta “de cima para baixo” (dos produtores para os consumidores). [...] Cultura popular, uma realidade cultural estruturada a partir de relações internas no

coração da sociedade [...] sistema de ideias, imagens, atitudes, valores. [...] Cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, [...], esquemas oficiais (BOSI, 1986, p.63-64).

Em face dessa variedade de cultura, iremos nos deter somente na cultura popular, que está intimamente ligada ao nosso objeto de estudo. A cultura popular é conhecida como a cultura criada pelo povo, que articula uma concepção do mundo e da vida e que sempre esteve presente em cada época da história mundial. Porém, no Brasil, os estudos sobre folclore e cultura popular foram iniciados somente na segunda metade do século XIX, na busca da construção de uma identidade nacional.

Para contextualizar cultura popular, que é um termo amplo, dado a muitas definições e repleto de ambigüidades, podemos iniciar com o entendimento de Gabriel a respeito do tema:

Cultura dinâmica, presente no meio rural e urbano, que junta tradição e atualidade sempre em transformação, um encontro entre tempos e espaços, com essência de brasilidade, juntando o local com o global, o velho e novo, completando um com o poder do outro (GABRIEL, 2008, p.77).

A discussão sobre cultura popular sempre nos remete a folclore, porém os limites entre os dois termos são controversos, a discussão é ampla e complexa. Para Cascudo, folclore “é a cultura do popular tornada normativa pela tradição” (CASCUDO, 1982, p. 24), já para Brandão, “vizinhos, eles não são iguais e sob certos aspectos podem até ser opostos” (1982, p.24).

No VIII Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em 1995, folclore foi conceituado como “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social” (CNF, 1995, p.1). Porém, como Ikeda (2004, p.170) pondera, nem sempre folclore corresponde ao rigor desses conceitos, pois algumas vezes “é vinculado a fatos grotescos, cômicos e excentricidades de pessoas e situações” e

em outras entendido como conjunto de práticas e expressões simples, antigas e fossilizadas.

Dessa forma, concordamos com Cavalcanti:

Folclore e cultura popular são categorias do nosso pensamento e integram uma forma de organização social, um certo modelo civilizatório, e foram forjadas por uma tradição de estudos datada. Não estão dadas na realidade das coisas, definidas de um modo indiscutível e de uma vez para sempre. Seu conteúdo de sentido varia ao longo de sua existência e essa variação traduz um importante debate. (CAVALCANTI, 2001, p.70)

Sem a intenção de aprofundar essa discussão e compreendendo a cultura popular e o folclore como fatos complexos, entendemos que esse movimento retrata a força de resistência e persistência da cultura brasileira de nosso povo na busca de preservar sua riqueza cultural. Assim, pelas dificuldades apontadas, optamos por utilizar neste trabalho o termo cultura popular.

1.2. Memória cultural

O conjunto de conhecimentos da cultura é a memória coletiva que reconstrói toda a experiência dos grupos ou sociedades e, é essa característica da cultura que permite que ela seja passada de geração a geração através da transmissão de seus símbolos. E, como nos mostra Meneses:

[...] é a memória, mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiência, quer em nível individual, quer social e, por isso mesmo, é eixo de atribuições, que articula, categoriza os aspectos multiformes de realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade (MENESES, 2002, p.183).

Para conceituar memória, trazemos Silva, que explica:

A memória é um processo complexo e não se reduz a um simples ato mental. Ela passa pela percepção dos nossos sentidos, como também pelos nossos sonhos e ilusões e pode incluir tudo, desde uma sensação mental privada e espontânea, possivelmente muda, até uma cerimônia pública solenizada. Todavia, tanto num caso como noutro, os dados da nossa experiência cotidiana são as reservas, os estoques, a massa de elementos sobre os quais ela trabalha (SILVA, 2008, p.85).

Diante de tais definições, entendemos que a memória é a capacidade humana de guardar informações de sua vivência tanto individual como coletiva, ou até mesmo de pensamentos que nem chegam a se concretizar. Assim, a memória está em constante trabalho, pois a mesma não se restringe somente a acontecimentos do passado. Sobre isso, Meneses (2002) acrescenta:

Exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem tampouco futuro. Em outras palavras: a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança. Se não houver memória, a mudança será sempre fator de alienação e desagregação, pois inexisteria uma plataforma de referência, e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho do passado esvaziado para o vazio do futuro (MENESES, 2002, p.185).

Não cabe, pois, falar em história sem considerar o fundamental papel que a memória ocupa no processo histórico. “É a memória que funciona como instrumento biológico-cultural de identidade, conservação, desenvolvimento, que torna legível o fluxo dos acontecimentos” (MENESES, 2002, p.185).

Como seres humanos, somos privilegiados, pois além de produzirmos cultura, o que nos distingue dos animais, também possuímos memória, o que consiste na conservação da lembrança do passado ou da coisa ausente. E como enfatiza Silva:

Falar da memória é, antes de tudo, falar de uma faculdade humana. A faculdade de conservar estados de consciência pretéritos e tudo o que está relacionado a eles. Bem, a faculdade da memória é responsável por nossas lembranças. Certo, mas falar de lembranças é falar necessariamente de quem lembra. Ora, quem efetivamente recorda são os indivíduos. Portanto, toda memória humana é memória de alguém, de um

indivíduo. Ela se refere, antes de tudo ao Eu, ao olhar que essa pessoa constrói a respeito de si mesma, da identidade, portanto, de quem efetivamente recorda (SILVA, 2008, p.85).

Afirmamos, assim, que a memória é do interesse de todos nós, pois estamos vivos, aqui e agora, o que nos torna construtores de nossa história. E, sem a memória, nosso passado é esquecido enfraquecendo a percepção de que é a atividade humana e social que faz e pode refazer a sociedade. Observa-se que “a memória, assim, mais precisamente, diz respeito à história concebida não como o conhecimento do homem no passado, mas como o conhecimento da dimensão temporal do homem” (MENESES, 2002, p.185). Ou, ainda, como resume Rodrigues: “sem história, não há memória” (RODRIGUES, 1981, p.47).

Nesse contexto, podemos afirmar que a memória divide-se em: memória coletiva e memória nacional:

A memória coletiva é da ordem da vivência, a memória nacional se refere a uma história que transcende os sujeitos e não se concretiza imediatamente no seu cotidiano. O exemplo do candomblé e do folclore mostrou a necessidade de a tradição se manifestar enquanto vivência de um grupo social restrito; a memória nacional se situa em outro nível, ela se vincula à história e pertence ao domínio da ideologia (ORTIZ, 2003, p.135).

Ortiz também nos propõe a distinção para os diferentes universos simbólicos, auxiliando a compreender as duas ordens de fenômenos que estamos considerando.

A memória coletiva se aproxima do mito, e se manifesta, portanto ritualmente. A memória nacional é da ordem da ideologia, ela é o produto de uma história social, não da ritualização da tradição. Enquanto história ela se projeta para o futuro e não se limita a uma reprodução do passado considerado como sagrado (ORTIZ, 2006, p.135).

Vemos, então, que a história dos seres humanos é ordenada pelos universos simbólicos. O passado dos homens estabelece a “memória” quando compartilhada pelos indivíduos que compõem a coletividade; já em relação ao futuro, os símbolos definem uma rede de referências para a projeção das ações individuais. Vale salientar que “a memória coletiva dos grupos populares é particularizada, ao passo que a memória nacional é universal. Por isso o nacional não pode se constituir como o prolongamento dos valores populares, mas sim como um discurso de segunda ordem” (ORTIZ, 2006, p.137).

Diante disso, percebemos que a memória nacional não é propriedade particularizada de nenhum grupo social. No entanto, sobre a memória coletiva, Silva afirma que:

[...] toda memória se estrutura em identidades de grupo: recordamos a nossa infância como membros a partir de experiências numa vida em família, o nosso bairro como vizinhos em uma dada comunidade, a nossa vida profissional em torno de relações estabelecidas no escritório, na fábrica ou no sindicato (SILVA, 2008, p.86).

Portanto, a memória coletiva possui uma existência concreta, manifestando-se imediatamente enquanto vivência. Isso nos permite focar, de agora em diante, somente a memória coletiva, uma vez que ela é a portadora da memória popular, fonte das manifestações culturais do povo.

Quanto à memória popular: “a memória popular (seria mais correto colocar no plural) deve, portanto, se transformar em vivência, pois somente desta forma fica assegurada a sua permanência através das representações teatrais” (ORTIZ, 2006, p. 135). Representações heterogêneas, caso em que podemos incluir as diferentes manifestações folclóricas como Reisados, São João, Carnaval, não partilham um mesmo traço em comum, tampouco se inserem no interior de um sistema único.

A cultura popular é plural, e seria talvez mais adequado falarmos em culturas populares. No entanto, se tomarmos como ponto de partida cada

evento folclórico em particular (um reisado, uma congada), a comparação com os cultos afro-brasileiros é legítima. A memória de um fato folclórico existe enquanto tradição, e se encarna no grupo social que a suporta. É através das sucessivas apresentações teatrais que ela é realimentada. Isto significa que os grupos folclóricos encenam uma peça de enredo único que constitui sua memória coletiva; a tradição é mantida pelo esforço de celebrações sucessivas, como no caso dos ritos afro-brasileiros (ORTIZ, 2006, p.135).

Ao estudar os congados do ciclo de São Benedito, notamos que “este saber popular não existe fora das pessoas, mas entre elas” (BRANDÃO, 1982, p.54). Nos grupos folclóricos é possível percebermos os diferentes papéis que os atores sociais desempenham nas manifestações culturais. Assim, quando o problema do esquecimento surge, geralmente está vinculado às dificuldades de se manter a coesão do grupo. Quando um mestre morre pode ocorrer a desestruturação de toda uma rede de trabalho ritual, visto que desaparece um ator de destaque no teatro popular. É nesse momento que a memória popular mostra a sua essência, mantém viva a história, com os ritos no meio que os possui e através da vivência de seus representantes.

1.3. Identidade cultural

Em diferentes épocas e sob diferentes aspectos, a problemática da identidade cultural vem se perpetuando, sendo ainda hoje imprescindível compreendermos seu processo de afirmação e construção. Segundo Ortiz: “[...] a identidade é uma entidade abstrata sem existência real, muito embora fosse indispensável como ponto de referência” (ORTIZ, 2006, p.137). Ou, ainda, como afirma Meneses:

O conceito de identidade implica semelhança a si próprio, formulada como condição de vida psíquica e social. Nessa linha, está muito mais próximo dos processos de re-conhecimento do que de conhecimento. A busca de uma identidade se alia mal a conteúdos novos, pois o novo constitui uma ameaça, sempre. Ao contrário, ela se alimenta do ritmo, que é repetição; portanto, segurança. Trata-se, em suma, de atitude conservadora, que privilegia o reforço em detrimento da mudança (MENESES, 2002, p.182).

Todos nós como seres humanos e, conseqüentemente, agentes de cultura, trazemos histórias e saberes que não foram a escola e nem a mídia que nos ensinaram. Mas, cada um que convive conosco contribui para a formação deste conhecimento que cria e alimenta a nossa identidade.

Os adultos, em uma sociedade, com sua conduta já definida, representam o modelo com o qual as crianças vão identificar-se e cujo comportamento vão imitar. Conformam-se ao que a sociedade define como melhor para o preenchimento das necessidades pessoais e culturais e para sua melhor adaptação (MARCONI; PRESOTTO, 1986, p.196).

Então, a identidade é construída através da observação e vivência com outras pessoas, pois, desta forma, ocorre também a identificação com o comportamento do outro e assimilação. Nesse sentido: “as pessoas sentem-se identificadas umas com as outras e, ao mesmo tempo, distintas das demais. Assim a identidade e a alteridade (referente ao que é do outro), a similaridade e a diversidade marcam o sentimento de pertencer ao todo” (GABRIEL, 2008, p.76).

Para Woodward, “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWORD, 2007, p.39). Ou seja, a construção da identidade do sujeito também está marcada por diferentes formas de determinação, que quase sempre são opostas, no sentido de que se pertence ou não pertence, ou é ou não é parte daquele grupo étnico, cultural ou social. Sobre identidade cultural:

A identidade cultural se relaciona a aspectos de nossas identidades que surgem do “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, sobretudo, nacionais. Alguns estudiosos afirmam que, de alguma maneira, pensamos nesta identidade como parte de nossa natureza essencial, que nos faz sentir indivíduos de uma sociedade, grupo, estado ou nação (GABRIEL, 2008, p.76).

A identidade, assim como a cultura, é produzida pelo homem através de sua vivência. Desde o nascimento fazemos parte de um determinado grupo social com

sua religião, costumes e valores, e à medida que crescemos nesse meio os assimilamos. Essas e outras características que adquirimos irão contribuir fortemente para a construção de nossa identidade. Da mesma, forma, acontece com a identidade cultural, pois ela se forma espelhando-se na cultura predominante do grupo a que pertencemos. Assim, afirmamos que tão diversa quanto a cultura é a identidade cultural, eliminando suposições de uma identidade padrão e/ou superior. Nesse sentido,

[..] creio que é o momento de reconhecermos que toda identidade é uma construção simbólica (a meu ver necessária), o que elimina, portanto, as dúvidas sobre a veracidade ou a falsidade do que é produzido. Dito de outra forma, não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos (ORTIZ, 2006, p.8).

Vemos, então, que não há uma identidade verdadeira ou falsa, superior ou inferior; mas, sim, identidades diferentes, próprias a cada indivíduo, grupo ou nacionalidade. Cada indivíduo possui uma identidade cultural que foi construída ao longo de sua vida, tornando-o integrante de um determinado grupo. E, à medida que esse sujeito assume plenamente, com orgulho, o seu papel neste grupo, ele está afirmando sua identidade.

Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado-possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real” - que poderia validar a identidade que reivindicamos (WOODWORD, 2007, p.27).

Woodward (2007, p.28) acrescenta: “isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação”. Está aí a importância de conhecermos nossa identidade e nos reconhecermos como agentes culturais, buscando manter nossa história, apesar das transformações que ocorrem com o tempo.

Vivemos na globalização que busca homogeneizar as imagens, estilos e lugares, a fim de valorizar o que é do outro na desvalorização do que nos pertence. Tal postura global tem alienado as identidades de suas origens, histórias etc., dificultando saber quem somos. A identidade também é um processo de construção social:

A antropologia e a sociologia, por sua vez, informam-nos de que a identidade quer pessoal, quer social, é sempre socialmente atribuída, socialmente mantida e também só se transforma socialmente (...). Isto é, não se pode ser humano por si só, por representação própria: os valores, significações, papéis que me atribuo necessitam de legitimidade social, de confirmação por parte de meus semelhantes (...). Dentro dessa ótica, é fácil entender que o processo de identificação é um processo de construção de imagem, por isso terreno propício a manipulações (MENESES, 2002, p.183).

Dessa forma, o suporte fundamental da identidade é a memória, pois juntas buscam registrar o que se constitui como verdadeiro para o homem e/ou sociedade. Seja através de ritos culturais, artefatos, contos, festas etc.

1.4. As festas populares

A festa é uma caixa de memórias; nela a história é revivida e projetada para o futuro. (KODAMA, 2009, p.81).

Desde os tempos mais remotos, o homem festeja. Na Antiguidade grega e romana as festas já eram usuais. Na Grécia antiga todas as cidades realizavam festas em culto aos seus deuses protetores. As principais eram a “Panateneia”, em homenagem à Atena; as “Olimpíadas”, organizadas em honra a Zeus, que ocorriam a cada quatro anos em Olímpia, com a realização de jogos; e as “Dionísias”, grandes festas populares que envolviam representações dramáticas em reverência a Dionísio. Essas festas aconteciam em Atenas e nas áreas camponesas.

Figura 1: *Idílio familiar*. Detalhe do Mosaico de Dionísio.
Século 3 a.C., Museu Romano Germânico de Colônia, Alemanha.
Fonte: ROSA, Nereide Schilaro Santa. *Festas e Tradições*. São Paulo: Moderna, 2001, p. 4.

Segundo Santos (2010), as primeiras festas romanas, durante o Império pagão, aconteciam em agradecimento à fertilidade ou enquanto pedidos de proteção para o povo e seu trabalho, que era unicamente a agricultura. Após a inclusão de novos deuses e com os ritos em homenagem a eles, ampliou-se o calendário festivo e o número de festas religiosas chegou a ser tão excessivo que ultrapassava os dias de trabalho.

Santos (2010) ainda relata que, dentre as diversas festas religiosas romanas, as mais importantes eram as “Saturnais”, as “Lupercais”, a “Equiria” e os jogos seculares. As primeiras, as Saturnais, aconteciam no Solstício de inverno, no mês de dezembro, durante sete dias. Eram tão importantes que alteravam toda a ordem econômica, suspendendo o trabalho, inclusive escravo, que também podia festejar durante esses dias. Predominava um clima de alegria e troca de presentes.

Além das festas religiosas, na Roma antiga também havia as festas imperiais, que serviam de cenário para propagar uma imagem idealizada do Imperador, destacando qualidades como bravura, bondade e generosidade. Para isso, durante essas festas, havia distribuição de dinheiro e alimentos e, ainda, realizavam-se ritos religiosos para garantir a proteção e apoio das divindades à continuidade do Império.

O surgimento das festas era um rito mágico de agradecer às divindades ou à natureza pelo cultivo ou ainda rogar para que protegessem sua produção contra pragas ou outros malefícios. Neste sentido:

A festa interrelaciona-se não só com a produção, mas também com os meios de trabalho, exploração e distribuição, ela é, portanto, consequência das próprias forças produtivas da sociedade; por outro lado, é uma poderosa força de coesão grupal, reforçadora da solidariedade vicinal cujas raízes estão no instinto biológico da ajuda, nos grupos familiares. (ARAÚJO, 1977, p. 11)

Inferimos que a festa sempre fez parte da sociedade, em qualquer cultura, grupo social ou tempo histórico, ela é parte integrante da vida social, tendo um papel importante, tanto como agregadora dos grupos e ideais, quanto como ruptora do habitual.

Embora ainda conserve características de seu surgimento (relação com a força de trabalho e sociedade), a festa ganhou novos sentidos e outros aspectos com a religiosidade, principalmente com o catolicismo, que veio a utilizá-la como forma de afirmação e também como meio de persuasão. Nesse sentido:

À festa, com o correr do tempo, foram se associando outros elementos, tais como padroeiros, entidades sobrenaturais, mais tarde substituídas pelos santos do hagiológico católico romano. Não faltou a comezaina. Ao lado desta a bebedeira que caracterizou as bacanais. Àquelas comemorações foram adicionando através dos tempos e dos povos, o engalanamento, as máscaras, os disfarces, os trajes custosos e garridos, a música, o baile, a procissão, o prérito, a liturgia, o exibicionismo... (ARAÚJO, 1977, p.11)

Mesmo com a forma de utilização das festas pela Igreja, elas agregaram outras características, não estritamente religiosas, passando por grandes transformações e conseguindo agrupar tanto aspectos cristãos como profanos, convertendo-se numa miscelânea de rica e diversa dimensão.

Rosa (2001) afirma que, ao longo de toda a história da arte, podemos verificar que os mais diversos artistas representaram as festas em seus trabalhos plásticos. O pintor flamengo, Pieter Brugel (o Velho), que viveu no século XVI, entre suas

várias pinturas retratando as atividades festivas do povo, representa na imagem abaixo, esta estranha convivência do sagrado e do profano nas festas.

Figura 2: Pieter Bruegel. *A batalha do carnaval e da quaresma*, 1559. Kunsthistorisches Museum, Viena.
Fonte: <www.wikipaintings.org/.../the-fight-between-carnival> Acesso em 15/06/2013

Na imagem, podemos ver diferentes grupos, como os religiosos, saindo da igreja em procissão, enquanto outros dançam, tocam e comem e alguns outros passam em suas atividades cotidianas. Esse contraste não nos é estranho, pois podemos observar isso durante qualquer festa religiosa atualmente.

Para Kodama (2009), através de suas práticas e rituais longínquos, as festas ordenam a dinâmica do tempo e do espaço, acompanhando os calendários de cada cultura e propiciando sentido às ações do cotidiano, necessárias para equilibrar a dialética entre o ser e o fazer, segundo Ferreira (2006), e tornando-se, desta forma, importante objeto de estudo, por passar a possuir uma profunda interação com a cultura ou categorias da cultura, transformando-se em fatos sociais, históricos e políticos, como afirma Itani (2003), e que se convertem em representações da cultura popular.

A festa pode agregar manifestações do canto, da música, da dança, do teatro, além de apresentar elementos iconográficos e etnográficos. Todos esses elementos contribuem para que sejam ativadas lembranças e emoções que revelam a cultura e a memória do povo. A festa é geradora de memória e identidade.

[..] uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, identidade no tempo e no espaço social (GUARINELLO, 2001, p. 972).

Sendo geradora de identidade individual e coletiva, ela cumpre uma importante função ao fazer o indivíduo perder a sua invisibilidade, algo que faz parte de seu cotidiano de trabalho, dentro do sistema capitalista. A alienação do trabalhador em relação ao seu trabalho faz com que ele seja visível no corpo, porém invisível como pessoa. Essa alienação não existe nas manifestações culturais, pois todas as pessoas são importantes, cada um exerce uma função, sendo visível perante sua comunidade.

Enquanto no trabalho cotidiano as atividades muitas vezes são mecânicas ou induzidas, na festa e nas demais expressões populares o indivíduo garante seu pensamento sobre sua ação. Se na vida cotidiana existe um sentimento de não pertencimento à atual sociedade (Weil, 1937), a festa vem trazer esse sentido de vinculação a um grupo social. A sobrevivência das celebrações populares dá um sentido de tempo mais conhecido do que aquele do trabalho.

A festa é algo que torna a vida suportável, momento de romper com as dificuldades e problemas do dia a dia. Embora consigamos identificar facilmente o que é uma festa, é difícil conceituá-la.

Não existe, na verdade, uma conceituação minimamente adequada do que seja uma festa. Festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas. (GUARINELLO, 2001, p. 969)

Nesse sentido, conquanto entendamos as festas dentro desse conceito do senso comum, como momentos em que as pessoas comemoram algo juntas, com

muita alegria, conversas, músicas, danças e comilanças, há de se entendê-las também como “fatos sociais, antropológicos, complexos, advindos de tradições arraigadas na cultura brasileira, embora não exclusivos de nossa cultura.” (CAPONERO, 2009, p. 69). Destarte, a festa torna-se um objeto muito importante para entender as relações sociais e identitárias que configuram nossa cultura.

Ainda que Guarinello explique a dificuldade de conceituar o que seja uma festa, utilizaremos neste estudo, a fim de uma melhor direção, uma definição dada por ele:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001, p.972).

É necessário ainda ressaltar que, para que sejam consideradas populares;

[...] as festas devem ser mantidas em função da cooperação de toda a comunidade que se envolve em todas as etapas de sua realização: desde a organização, passando pela preparação durante a fase cerimonial e aproveitando, ao mesmo tempo, da fruição, atuação e até mesmo da reorganização e retorno à rotina (PERES, 2011, p.7).

Desta forma, podemos pensar as festas populares como células de convívio social, onde estão presentes valores essenciais (cooperação, aceitação, comunicação, entendimento etc.) para o relacionamento na comunidade e, em sentido mais amplo, em toda a sociedade.

1.5. As festas populares no Brasil

No sábado seguinte a cidade revestira desusado aspecto. De toda parte correra uma chusma de povo que ia assistir à festa anual do Espírito Santo. Vão rareando os lugares em que de todo se não apagou o gosto dessas festas clássicas, resto de outras eras, que os escritores do século futuro hão de estudar com curiosidade, para pintar aos seus contemporâneos um Brasil que eles já não hão de conhecer. (MACHADO DE ASSIS, 1872).⁷

Figura 3: Jean-Baptiste Debret. *Folia do Divino*, s/d.

Fonte: ROSA, Nereide Schilaro Santa. *Festas e Tradições*. São Paulo: Moderna, 2001, p. 24.

Retomando a ideia de que as festas estão presentes no meio social desde a Antiguidade, elas foram importantes durante toda a história da humanidade e, com o passar dos séculos, os seus rituais foram sendo transmitidos de geração em geração e de um país para outro, adequando-se e transformando-se de acordo com cada realidade.

⁷ Trecho do conto “A parasita azul”, de Machado de Assis. Disponível em; <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000186.pdf>>. Este trecho também abre a coleção Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa, V. 1, 2001, organizado por István Jancsó e Iris Kantor.

Assim, as festas populares europeias e africanas chegaram ao Brasil na época da colonização e se hibridizaram com os costumes indígenas. Tinhorão (2000) relata que Pero Vaz de Caminha já descreve em suas primeiras cartas à Corte portuguesa, logo após desembarcarem no Brasil, em abril de 1500, momentos de “danças e folgas” entre portugueses e indígenas.

Esses momentos de festejos foram uma primeira forma de socialização entre os portugueses e o povo nativo. Segundo Tinhorão, não há dúvidas de que as primeiras músicas e cantos, não indígenas, entoados em solo brasileiro foram sons do mundo rural português, pois grande parte da tripulação das naus portuguesas era de camponeses, devido ao êxodo rural de Portugal naquela época. Ele ainda supõe que uma das primeiras danças improvisadas ao comando dos portugueses, na qual os índios dançaram juntos “tenha sido uma daquelas folias lembradas por Gil Vicente em 1529” (TINHORÃO, 2000, p.15). Folia, entendida como uma dança coletiva e característica da população rural portuguesa.

Em 1637, quando Maurício de Nassau chegou ao Brasil, mais precisamente em Pernambuco, para assumir o cargo de governador do Brasil holandês, trouxe consigo um grupo formado por artistas e cientistas que tinham como objetivo registrar as características dessa nova terra. Nessa comitiva, entre outros, estavam os pintores Albert Eckhout e Frans Post que produziram um grande número de imagens retratando as paisagens e o cotidiano do povo, transformando-se na principal fonte de informações na Europa sobre a América.

Das várias imagens destaca-se uma por retratar a dança indígena, do povo originário da terra, com seus adornos e instrumentos, parecendo ainda não influenciados por nenhum costume europeu.

Figura 4: Albert Eckhout. *Dança dos tapuias*, s/d. Óleo sobre madeira, 168 x 294 cm, Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.

Fonte: *Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais*, disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=obra&cd_verbete=70&cd_obra=14525> Acesso em 15/06/2013.

Com a chegada da missão jesuítica, que utilizavam as danças e músicas para catequizar os índios, embora alguns grupos indígenas tenham sido arredios à catequese dos jesuítas e das outras ordens religiosas que chegaram depois, essa prática deixou marcas permanentes em nossa cultura, permanecendo até nossos dias. Algumas festas e danças, frutos desses momentos catequéticos, perduram até hoje, como é o caso da festa e dança de Santa Cruz, que ainda sobrevive em algumas regiões, como na Aldeia de Carapicuíba, Região Metropolitana de São Paulo.

Durante todo o período colonial, tanto a Igreja quanto a corte portuguesa também utilizaram as festas para impor o seu poder. Tanto os momentos religiosos (dias de santos ou do Senhor) quanto ocasiões importantes para a corte portuguesa eram festejados na colônia, com muita pompa e ostentação.

O rei e a religião, numa aliança colonizadora, estendiam o seu manto protetor e repressor sobre as comunidades, manto este que apenas por ocasião das festividades coloria-se com exuberância. Sob a batuta do Estado Moderno, essas festividades passam a ser expressão de uma cultura dirigida, conservadora e, no caso do Brasil Colônia, urbana. O barroco, por sua vez, forjou um conjunto de instrumentos articulados para preservar o sistema absolutista, tendo nas festas um dos exemplos mais espetaculares e persuasivos. (DEL PRIORE, 2000, p. 15).

Como a Igreja Católica representava um grande poder social e político durante o período colonial, a maior parte dessas festas era religiosa; frequentes eram as procissões ou festejos em honra aos santos. Em Minas Gerais, no século XVIII, esses momentos eram marcados por grande ostentação, como forma de mascarar as diferenças sociais e criar a ilusão de uma sociedade rica, o que ainda observamos acontecer atualmente com muitas manifestações populares, como o Carnaval e outras festas religiosas.

Mesmo as festas trazidas pelos negros escravos acabavam sendo misturadas com as práticas cristãs, pois era o meio que eles encontravam para poder realizar seus rituais. Johann Rugendas, pintor alemão, que também veio ao Brasil em uma Missão Científica no início do século XIX, fez o registro pictórico de uma festa feita pelos escravos em honra a sua santa padroeira (ROSA, 2001, p.13).

Figura 5: Johann Moritz Rugendas. *Festa de Nossa Senhora do Rosário*. Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.
Fonte: ROSA, Nereide Schilaro Santa. *Festas e Tradições*. São Paulo: Moderna, 2001, p. 13.

Há também registro do mesmo pintor de dança praticada pelos escravos, tipicamente africana, sem influência religiosa. Esta imagem mostra uma cena em que negros escravos dançam ao ritmo das palmas em um grupo onde também há, apenas observando, mulatos mais abastados.

Figura 6: Johann Moritz Rugendas. *Batuque*, 1835. Litogravura aquarelada, 47x 57 cm. Coleção particular.

Fonte: *Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais*, disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=busca_obras> Acesso em 15/06/2013.

Del Priore (2000) descreve que as doações realizadas para a preparação dos desfiles e procissões revelam que havia uma elite de homens pardos e mulatos que participavam de irmandades e confrarias contribuindo para festas de seu grupo social. Mesmo afinado com a cultura europeia, o espaço da festa também propiciava que esse grupo aproveitasse para expor tradições africanas. A festa da coroação do Rei Congo (que mais tarde deu origem à Congada, ao Moçambique e Maracatu e também influenciou a Folia de Reis) era um exemplo de confluência das culturas europeias e africanas. Ao contrário dos candomblés e batuques, tais manifestações eram toleradas pelas autoridades por representarem formas de “folguedos honestos”.

Índios, negros, mulatos e brancos manipulam as brechas no ritual da festa e as impregnam de representações de sua cultura específica. Eles transformam as comemorações religiosas em oportunidades para recriar seus mitos, sua musicalidade, sua dança, sua maneira de vestir-se e aí reproduzir suas hierarquias tribais, aristocráticas e religiosas. [...] o Estado Moderno está, por outro lado, empenhado em modificar os códigos culturais que desabrochavam na Colônia. (DEL PRIORE, 2000, p.89).

Moura (2000) contribui trazendo-nos referência sobre as festas de coroação dos Reis Negros que foram registradas por Carlos Julião (artista e militar luso-

italiano), durante sua passagem por Minas, Bahia e Rio de Janeiro, retratando a vida cotidiana da população e o universo dos escravos no Brasil. Nessas considerações, verificamos a fusão entre costumes e instrumentos de origem europeia e africana, que ainda observamos na atualidade em grande parte das manifestações populares, mesmo aquelas descritas como de origem unicamente ibérica.

Rei negro, sob o costumeiro guarda-sol, participa da solenidade de sua coroação. Note-se as vestimentas masculinas e os instrumentos musicais: uns de matriz europeia, como a viola, e outros de matriz africana, como o atabaque e a marimba. Note-se também os trejeitos corporais representados por Julião, revelando uma certa dinâmica dos movimentos dos membros do cortejo. (MOURA, C.E.M., 2000, p. 299).

Figura 7: Carlos Julião. *Coroação de um rei negro no festejo de Reis no Rio de Janeiro*, c. 1776.

Fonte: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. *A travessia da calunga grande. Três séculos de imagens sobre o negro no Brasil*. São Paulo, Edusp, 2000, p. 299.

Essa mistura de diferentes culturas nas celebrações foi assimilada pelo povo, criando uma festa tipicamente brasileira, que aos poucos foi ganhando contribuições de outros povos. A exceção desse hibridismo nas festas, segundo Tirapeli (2001), é o caso de alguns rituais indígenas que permanecem intactos apesar do contato com o homem branco. Exemplo disto são o *Kuarup*, das tribos do Xingu, e o *A'uwe Uptabi Za'ri*, da tribo Xavante de Pimentel.

Com o fim da escravidão e o início da República no final do século XIX, imigrantes de diversos países vieram suprir a falta de mão de obra, trazendo com eles, também, suas manifestações. Alguns desses grupos espalharam-se por todo Brasil, outros se concentraram em algumas regiões, como no Sul, com muitos imigrantes vindos do leste Europeu (poloneses, ucranianos e alemães), que realizam festas de cunho religioso ou profano, como as festas da uva, do vinho, da maçã, a *Ocktoberfest* em Blumenau etc. Além desses, porém em maior número, vieram italianos e espanhóis que se dispersaram por várias regiões do Brasil, levando muitas celebrações religiosas de santos cultuados em seus países, como a festa de Achiropita, San Genaro e outras. Já no início do século XX chegaram ao Brasil os povos orientais, principalmente japoneses que aportaram, majoritariamente, em São Paulo e Paraná, trazendo suas festas de tradição secular, celebrando o budismo, como a Festa das Estrelas (Festival *Tanabata Matsuri*).

Além de todos esses grupos, porém de forma mais acanhada, há ainda os rituais das religiões ortodoxas, mulçumanas e judias, que sempre estiveram presentes no Brasil e aqui também realizam suas celebrações.

Nesse contexto:

Mesmo com o predomínio do modelo católico eurocêntrico, as festas populares tradicionais associadas às manifestações de fé do povo brasileiro apresentam características particulares que as distinguem das semelhantes encontradas na Europa e América Latina. Esse universo é resultante do ecletismo forjado em cinco séculos de miscigenação racial, social e cultural: portugueses, brasilíndios e africanos, e depois imigrantes alemães, espanhóis, italianos, japoneses e outros de origens diversas. (TIRAPELI, 2009, p.16).

Por esses motivos, e também pelo tamanho de nosso país, temos uma cultura tão diversa, com diferentes manifestações por todas as regiões, muitas delas ocorrem em diferentes localidades, inclusive muito distantes, porém cada uma com suas características particulares.

As festas populares, como parte tão importante e característica de nosso país, continuaram sempre sendo tema muito presente nas representações pictóricas. Os modernistas, com sua preocupação em retratar o povo brasileiro,

depois de algumas viagens para conhecer o Brasil, e sobre a influência daquele que mais estudava essas manifestações, Mário de Andrade, retrataram muitas vezes diferentes festas, sendo importantes divulgadores da cultura popular.

Figura 8: Candido Portinari. *Bumba meu boi*, 1959. Óleo sobre madeira, 32,5x 32,5 cm. Coleção Particular.
Fonte: <<http://www.brasil.gov.br/galeriadearte/colecao-particular-sao-paulo/bumba-meu-boi-2>>

Figura 9: Tarsila do Amaral. *Carnaval em Madureira*, 1924. Óleo sobre tela, 76 x 63 cm.
Acervo Fundação José e Paulina Nemirovsky (São Paulo, SP).
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais.

Assim também os artistas da arte *naïf* ou primitiva têm como constante esse tema em suas obras, mesmo na atualidade.

Figura 10: Heitor dos Prazeres. *Frevo*, 1966. Óleo sobre tela, 46x55cm.

Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural Artes Visuais.

<<http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia>>

Figura 11: Djanira da Motta e Silva. *Festa do Divino em Parati*, 1962; óleo s/ madeira; 314x472 cm.

Acervo do Palácio dos Bandeirantes. São Paulo, SP.

Fonte: <<http://www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/djanira05.htm>>

Portanto, com uma presença tão marcante e entendendo-a como ação coletiva de um grupo social e geradora de identidade, a festa constitui-se em um importante recurso cultural imaterial que, dependendo de seu tempo de sobrevivência em uma determinada cultura ou comunidade, pode ser considerada um patrimônio imaterial.

Para melhor compreensão faz-se necessária uma apresentação sobre patrimônio imaterial e as discussões que ele aglutina na atualidade, o que será objeto do próximo capítulo deste trabalho.

CAPÍTULO 2

PATRIMÔNIO IMATERIAL BRASILEIRO

2.1. A construção do conceito de patrimônio imaterial no Brasil

A palavra patrimônio está associada à noção de sagrado, de memória de indivíduo, de herança, de bens de família, implica em algo a ser deixado ou transmitido para gerações futuras (LEITE, 2011). Os vários estudos sobre o tema apontam para a formação de uma noção de patrimônio comum aos cidadãos no final do século XVIII. É a partir do ideário desencadeado pela Revolução Francesa que, segundo Abreu, o significado de patrimônio estende-se do privado (bens da nobreza) para o conjunto dos cidadãos.

A emergência da noção de patrimônio, como bem coletivo associado ao sentimento nacional, dá-se inicialmente num viés histórico e a partir de um sentimento de perda. Era preciso salvar os vestígios do passado, ameaçados de destruição. (ABREU, 2009, p.35)

Para Gonçalves, patrimônio é uma categoria de pensamento com característica milenar, esteve presente no mundo clássico e na Idade Média, com outros contornos semânticos, diferentes dos do mundo moderno; esteve presente, inclusive, nas sociedades tribais: “Estamos diante de uma categoria de pensamento extremamente importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana. Sua importância não se restringe às modernas sociedades ocidentais” (GONÇALVES, 2009, p.26).

Esses bens culturais, segundo Gonçalves, citando Marcel Mauss, configuram-se “fatos sociais totais”, pois além de servirem a propósitos práticos, também carregam outros significados de caráter mágico, moral, religioso, jurídico, estético e psicológico. “Constituem de certo modo, extensões morais de seus proprietários, e estes, por sua vez, são partes inseparáveis de totalidades sociais e cósmicas que transcendem sua condição de indivíduos” (GONÇALVES, 2009, p. 27).

Sant' Anna (2001, p. 153) relata que a noção de monumento histórico e patrimônio é ocidental e tem relação com o passado. Já no Oriente “as tradições são vividas no presente, importando mais a transmissão dos saberes que estão a elas vinculados do que a conservação dos objetos produzidos”. Há relatos de templos que são destruídos e reconstruídos constantemente como uma forma de rito. O que importa para eles é a preservação do saber, não a permanência do bem materializado. No Japão há legislação desde a década de 1950 voltada para a conservação e transmissão de rituais, expressões plásticas ou cênicas e celebrações, por meio de incentivos a grupos ou pessoas que os mantêm, os preservem e os transmitam.

Segundo Abreu, após o final da Segunda Guerra Mundial, tentando-se quebrar os antagonismos entre as nações é criada a UNESCO. Ela representava a tentativa de construção de um patrimônio universal. Assim, para contrapor-se às ideias racistas que desencadearam a guerra, “o conceito antropológico de cultura foi apropriado como antídoto aos conflitos entre os povos”. (ABREU, 2009, p.36) Nesse contexto histórico, antropólogos foram chamados a traçar planos de ação na área de patrimônio que contemplassem as diversidades culturais. Um dos mais atuantes deles, Claude Lévi-Strauss, aponta como forma mais positiva para incentivar a ideia de igualdade e respeito aos povos, o relacionamento entre as diversas culturas.

Com essa nova concepção de multiplicidade cultural,

Delineava-se a ideia de que havia um patrimônio cultural a ser preservado e que incluía não apenas a história e a arte de cada país, mas o conjunto de realizações humanas em suas mais diversas expressões. A noção de cultura incluía hábitos, costumes, tradições, crenças; enfim, um acervo de realizações materiais, e imateriais, da vida em sociedade. Duas concepções afirmaram-se: em primeiro lugar, a que mesmo no interior do contexto nacional existiam culturas diversas e plurais, ou seja, a de cada nação comportaria uma infinidade de culturas e subculturas; em segundo lugar, a noção de que a cultura congregava bens materiais ou intangíveis. É nessa época que se fomentou o trabalho de folcloristas e antropólogos, capazes de inventariar as tradições, as narrativas orais, as diversas formas de musicalidade e da inventiva poética popular. (ABREU, 2009, p. 37).

Assim, começa a delinear-se o conceito de Patrimônio Imaterial. No Brasil, já em 1922, durante a Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade manifesta suas primeiras ideias sobre esse tema. Em 1936, no Anteprojeto para criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), ele inclui entre as categorias de patrimônio artístico e histórico nacional o folclore ameríndio (vocabulário, cantos, lendas, magias, medicina e culinária dos povos indígenas) e o folclore popular (música popular, contos, histórias, lendas, superstições, medicina, culinária, provérbios, ditos, danças dramáticas etc.), dando instruções acerca da metodologia que seria necessária para o tombamento⁸ desses bens: registros fotográficos, gravações sonoras, descrições completas e detalhadas das manifestações, incluindo notações musicais, descrições dos instrumentos e danças e, quando possível, filmagem das manifestações. Em publicação do IPHAN sobre a história do tema “Patrimônio Imaterial no Brasil”, há transcrições dos diários de viagem de Mário entre 1927 e 1943 e todas demonstram a sua paixão e preocupação com as manifestações populares:

[...] Hoje o Boi do Alecrim saiu pra rua e está dançando pros natalenses. Os coitados estão inteiramente às nossas ordens só porque Luís da Câmara Cascudo, e eu de embrulho, conseguimos que pudessem dançar na rua sem pagar a licença na polícia. Infelizmente é assim, sim. Civilização brasileira consiste em empecilhar as tradições vivas que possuímos de mais nossas. Que a polícia obrigue os blocos a tirarem licença muito que bem, pra controlar as bagunças e os chinfrins, mas que faça essa gente pobríssima, além dos sacrifícios que já faz pra encenar a dança, pagar licença, não entendo. Seria justo mais é que protegessem os blocos, Prefeitura, Estado: construíssem palanques especiais nas praças públicas centrais, instituíssem prêmios em dinheiro dados em concurso. Duzentos mil-réis é nada pra Prefeitura. Pra essa gente seria, além do gozo da vitória, uma fortuna. O Boi de S. Gonçalo outro dia murchou de pé no areão várias horas de Sol pra chegar na Redinha e ganhar 40 paus! É horroroso. (ANDRADE, 2008, p.10)

Segundo Travassos (2002), com o objetivo de mapear musicalmente o Brasil, Mário de Andrade faz algumas viagens (Norte, Nordeste e parte do Sudeste) e pesquisas de campo também no interior de São Paulo. Na direção do Departamento

⁸ Mário utilizava o vocabulário “tombamento” mesmo para as manifestações imateriais. Atualmente esse vocabulário é utilizado apenas para os bens materiais, adotando-se o termo “Registro” para os bens intangíveis, por referir-se às manifestações que são recriadas constantemente.

de Cultura de São Paulo, de 1935 a 1938, o qual ele ajudou a organizar, buscou colaboradores a fim de delimitar metodologias para pesquisas etnográficas: Claude Lévi-Strauss realizou pesquisas para o Departamento, Dyna Dreyfus (primeira esposa de Lévi-Strauss) ministrava aulas no curso de Etnografia e Folclore, também participava de pesquisas etnográficas com a equipe do Departamento e trazia contribuições bibliográficas sobre estudos etnográficos. Ainda, durante sua gestão, Mário organizou a Missão de Pesquisas Folclóricas, que foi chefiada por Luís Saia e teria o objetivo de viajar por vários estados, buscando materiais etnográficos das manifestações folclóricas. Infelizmente, por questões políticas, a Missão foi interrompida em 1938 e Mário afastou-se do Departamento.

Mesmo assim a equipe reuniu um vasto material de imagens, gravações de áudio, notações musicais, relatos e algumas filmagens. Já o trabalho do SPHAN, também sem a participação de Mario de Andrade, acabou restringindo-se apenas a tombamentos de lugares e monumentos. As propostas de Mário sobre o registro das manifestações folclóricas só são retomadas em discussões, no Brasil, na década de 1970.

São os debates ocorridos nas décadas de 1970 e 1980 que irão, pela primeira vez na legislação brasileira com a Constituição de 1988 e depois no Decreto 3551/2000, dar uma direção ao registro do patrimônio imaterial.

Esses debates acontecem também em nível internacional, principalmente por pressão dos países de 3º Mundo.

Sant'Anna (2007) relata a reivindicação feita à UNESCO, por países menos desenvolvidos, liderados pela Bolívia⁹, para a realização de estudos que propusessem um instrumento internacional de salvaguarda das “expressões populares de valor cultural”. Assim, como consequência desses estudos, em 1989 é aprovada a Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular.

⁹ Segundo Mario Telles até o ano de 2007, a Bolívia era o país com o maior número de bens do Patrimônio Imaterial registrados. TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. O registro como forma de proteção do patrimônio cultural imaterial. In. Revista CPC-USP nº4, p. 40-71, maio-out de 2007, p. 48.

2.1. Os problemas com o termo

Na Recomendação aprovada pela UNESCO, em 1989, ainda não se utilizava o termo “Patrimônio Imaterial”, mas essa terminologia já aparece no Art. 216 da Constituição Brasileira:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
 - II - os modos de criar, fazer e viver;
 - III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 - IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
 - V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
- (BRASIL. 1988, Art. 216.)

O conceito de patrimônio imaterial e intangível surgiu da controversa acerca do conceito de cultura tradicional e popular e de que este não conseguiria abarcar todas as manifestações.

Sobre essa discussão, Sant’Anna explica:

Os qualitativos imaterial e intangível se consolidam pela necessidade de não circunscrever esse universo apenas às manifestações culturais de determinada camada social – concebendo-o como resultado de um conceito problemático de cultura popular – e também de não excluir expressões contemporâneas da cultura como resultado de interpretação restritiva do termo “tradicional”. (SANT’ANA, 2001, p.155)

Esse termo também gera discussões, pois é impossível separar o imaterial de suas condições materiais de existência. Gonçalves defende a ideia que patrimônio é e sempre foi material. Tanto que

[...] foi necessário, nos discursos contemporâneos, criar a categoria do ‘imaterial’ ou do ‘intangível’ para designar aquelas modalidades de patrimônio que escapariam de uma definição convencional limitada a

monumentos, prédios, espaços urbanos, objetos, etc. É curioso, no entanto, o uso dessa noção para classificar bens tão tangíveis e materiais quanto lugares, festas, espetáculos e alimentos. (GONÇALVES, 2005, p.20)

Todo patrimônio imaterial tem sua face material expressa nos artefatos, roupas e nos próprios locais que o produzem, da mesma forma que o patrimônio material tem sua face intangível expressa nos seus significados simbólicos. Ainda nesse sentido, Leite cita Simonica:

A concepção antropológica moderna de cultura dá ênfase às relações sociais, às trocas simbólicas e não, especificamente, aos objetos materiais e às técnicas. Deve-se compreender que a cultura acompanha o tempo, que não é homogênea nem coerente que, raras vezes, está fechada aos intercâmbios e à experiência do compartilhamento e da negociação. (SIMONICA, *apud* LEITE, 2011, p. 119).

As discussões sobre esse conceito continuam em pauta, buscando um conceito mais abrangente. Entre as expressões utilizadas nas discussões já surgem tentativas como “patrimônio oral”, “espaço cultural”, “paisagem cultural”¹⁰, “ambiente cultural”¹¹, porém todas ainda com problemas de conceituação.

Não obstante toda a polêmica em torno de sua conceituação, o termo “patrimônio imaterial” continua ser utilizado na bibliografia e nas discussões por ser o que consta na legislação atual, tanto em nível nacional como internacional.

No Brasil, além da Constituição de 1988, foi aprovado em 4 de Agosto de 2000 o Decreto 3551 que regulamenta o Artigo 216 da Constituição. Em âmbito internacional, a UNESCO aprovou em 17 de Outubro de 2003 a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial com a seguinte definição:

Entende-se por 'patrimônio cultural imaterial' as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que

¹⁰ SANTA'ANNA, 2001, p.155, explica os problemas com essas conceituações, apontando as dificuldades com cada uma delas, porém validando essas discussões como forma de superar a dicotomia do conceito vigente.

¹¹ REISEWITZ, *apud* TELLES, 2007, p.42. O conceito de “ambiente cultural” é utilizado por REISEWITZ explicando que o direito ambiental tem como objeto também a política cultural, pois a preservação de um ambiente cultural é o meio de garantia da qualidade de vida humana. “Portanto a preservação do patrimônio cultural é, a um só tempo, direito ambiental e direito cultural”.

se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003)

O artigo 216 da Constituição brasileira prevê como instrumentos de proteção do patrimônio imaterial brasileiro inventários, registro e vigilância. Dessa forma, para regulamentar e colocar em prática esses instrumentos é que é aprovado o Decreto 3551/2003.

2.2. O registro e seus problemas

O registro instituído pelo Decreto 3551/2003 é o recurso legal para reconhecimento e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro. Seus objetivos são: identificar, reconhecer, salvaguardar e promover a dimensão imaterial do patrimônio cultural. Os bens registrados devem ser inscritos em um dos quatro livros: a) Saberes, b) Celebrações, c) Formas de Expressão ou d) Lugares. A legislação ainda prevê que se algum dos bens imateriais não se enquadrar em nenhuma das especificações desses livros, novos poderão ser abertos, após estudo e justificativa.

Laurent Lévi-Strauss, representante da UNESCO, ao avaliar o Decreto declara:

O decreto propõe, sobretudo, uma solução inovadora do problema que parecia *a priori* insuperável, de integrar, num mesmo dispositivo, a prodigiosa diversidade e a infinidade de aspectos das inúmeras criações culturais reunidas na denominação genérica e cômoda, mas certamente simplificadora, de patrimônio imaterial [...] (LÉVI-STRAUSS, 2001, p.26).

Pelas características peculiares a esses bens, o registro deve intervir o mínimo possível, com o cuidado de não imobilizá-los. Sobre isso, Lévi-Strauss também se coloca:

Gostos, necessidades, modos de vida, valores e representações sempre evoluíram e continuarão a fazê-lo e, se uma comunidade abandona uma prática social, não há como se opor. O que pode ser feito, e o decreto

atende a isto, é, por um lado, inventariar, estudar e conservar e, por outro, oferecer reconhecimento social aos detentores desse patrimônio para que tenham reconhecida sua importância, convidando-os a perpetuá-lo a transmiti-lo às novas gerações que, por sua vez, terão tomado consciência de seu valor. (LÉVI-STRAUSS, 2001, p. 27)

Nesse sentido, de não congelar o bem imaterial, a legislação prevê que o mesmo deve ser reavaliado a cada 10 anos, a fim de determinar se o mesmo ainda constará na lista de patrimônio. No caso de verificar-se a “morte” da manifestação, só ficarão os materiais etnográficos coletados como forma de registro para o futuro.

Elizabeth Travassos ainda complementa:

Dada a variedade de realizações da forma de expressão aparentadas, o registro deve ser flexível o bastante para comportar os “estilos” dos diversos grupos, suas maneiras particulares de realizar uma forma, tal como as “falas” de uma “língua” comum. (TRAVASSOS, 2004, p.61)

Como explica Telles (2007), o registro não cria obrigações para a comunidade envolvida com o bem registrado, porém produz efeitos de competência do Estado, que são:

[...] a obrigação pública de documentar e acompanhar a dinâmica das manifestações culturais registradas; o reconhecimento da importância do bem e valorização mediante o título de Patrimônio Cultural do Brasil e ações de apoio no âmbito do Programa Nacional de Proteção do Patrimônio Imaterial. (TELLES, 2007, p. 52).

Apesar da legislação vigente aparentemente resolver todos os problemas que podem surgir, o que realmente acontece ainda está muito longe de ser o ideal. Telles (2007) observa que a legislação ainda não é a apropriada e acrescenta que o registro, tal como se dá, tem poder bastante limitado de proteção e serve apenas como uma ferramenta de identificação.

Falta uma rede de apoio às comunidades para manter essas manifestações, o que verdadeiramente protegeria esses bens, além da aplicação de uma metodologia mais eficaz que consiga dar conta dos inúmeros bens considerados intangíveis. Cecília Londres (2009) destaca que a manutenção desses bens imateriais “[...] depende, sobretudo, da adoção de medidas de apoio a seus produtores, no sentido de preservar, na medida do possível, condições de produção, divulgação e formação

de público [...]” (LONDRES, 2009, p.71). Ainda, segundo ela, é preciso uma constante atualização das políticas específicas, a revisão de critérios e mudanças de procedimentos, com o “propósito de abrir espaços para a participação da sociedade no processo de construção e apropriação de seu patrimônio cultural” (LONDRES, 2009, p. 67).

É necessário, para sua sobrevivência, que esses bens culturais sejam realmente conhecidos pela população, não só por seu grupo mantenedor ou por pesquisadores da área. Para Travassos, essas expressões culturais deveriam ser integradas à “projetos educacionais e sociais que apostem na promoção da cultura local e tradicional como elemento fortalecedor dos setores desfavorecidos da população” (TRAVASSOS, 2007, p.60), como, segundo ela, já acontece com o Jongo em parte do Sudeste, graças à organização de comunidades locais¹².

2.3. Bens Imateriais registrados pelo IPHAN

O registro instituído pelo Decreto 3.551/2000 é o instrumento legal para o reconhecimento do patrimônio imaterial brasileiro. Segundo Leite (2011), o objetivo desse registro é “viabilizar projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural” (LEITE, 2011, p. 148).

Os bens registrados devem ser inscritos em um dos seguintes livros:

- Livro de Registro dos Saberes: são registrados os modos de fazer tradicionais de uma comunidade, conhecedora de técnicas e de materiais;
- Livro de Registro das Celebrações: São registradas as festas e rituais que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- Livro de Registro das Formas de Expressão: são registradas as manifestações musicais, cênicas, plásticas lúdicas e literárias;

¹² Sobre esse assunto, Elizabeth Travassos refere-se ao projeto criado pela ONG Grupo Cultural Jongo da Serrinha (fundada em 2002), que nasceu da iniciativa dos trabalhos do Mestre Darcy e Vovó Maria Joana e que na década de 1990 atraiu muitos admiradores do jongo. Atualmente, mesmo após a morte deles, a ONG leva adiante uma Escola de Jongo onde se realizam cursos de teatro, música, dança etc. Além disso, a viúva do Mestre Darcy, Suely, ministra oficinas em outros espaços do Rio de Janeiro, disseminando o jongo e formando mais adeptos.

- Livro de Registro dos Lugares: são registrados os espaços onde acontecem práticas ou manifestações culturais coletivas que são referências para a população.

Apesar da grande extensão do território brasileiro e das inúmeras e diversas manifestações de natureza imaterial, até julho de 2014 só foram registrados 29 bens, como observaremos no quadro a seguir:

Data do Registro	Bem registrado	Local da Prática	Livro de Registro
20/12/2002	Ofício das Paneleiras de Goiabeiras	Goiabeiras Velhas, na cidade de Vitória - ES	Saberes
20/12/2002	Arte Kusiwa – Pintura e Arte Gráfica Wajãpi	Amapá (área de fronteira entre Brasil e Guiana Francesa)	Formas de Expressão
05/10/2004	Círio de Nazaré	Belém - PA	Celebrações
05/10/2004	Samba de Roda do Recôncavo Baiano	Bahia	Formas de Expressão
14/01/2005	Ofício das Baianas de Acarajé	Salvador - BA	Saberes
14/01/2005	Modo de Fazer Viola de Cocho	Mato Grosso (Região Centro- Oeste e pantanal)	Saberes
15/12/2005	Jongo no Sudeste	Vale do Rio Paraíba do Sul, ao sul do Rio de Janeiro e ao Norte de São Paulo	Formas de Expressão
18/10/2006	Cachoeira de laurête	Região do Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira - AM	Lugares
07/12/2006	Feira de Caruaru	Caruaru - PE	Lugares
09/02/2007	Frevo	Olinda e Recife - PE	Formas de Expressão
18/06/2007	Tambor de Crioula do Maranhão	Maranhão	Formas de Expressão
09/10/2007	Matrizes do Samba do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Formas de Expressão
15/05/2008	Modo Artesanal de Fazer o Queijo Minas	Serro, Serra da Canastra e do Salitre - MG	Saberes
21/10/2008	Roda de Capoeira	Brasil	Formas de Expressão
21/10/2008	Ofício dos Mestres de Capoeira	Brasil	Saberes
27/11/2008	Modo de Fazer Renda Irlandesa	Sergipe	Saberes
30/12/2009	Toque dos Sinos	Cidades Históricas Mineiras	Saberes
30/12/2009	Ofício de Sineiros	Minas Gerais	Saberes
13/05/2010	Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis	Pirenópolis - GO	Celebrações

05/11/2010	Ritual Yaokwa – Povo Indígena Enawere Nawe	Mato Grosso	Celebrações
05/11/2010	Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro	Amazonas (ao longo do Rio Negro)	Saberes
10/12/2010	Festa de Sant'Ana de Caicó	Região do Seridó - RN	Celebrações
30/08/2011	Complexo Cultural do Bumba meu boi	Maranhão	Celebrações
25/01/2012	Modos de Fazer Bonecas Karajá	Goiás e Tocantins	Saberes
25/01/2012	Ritxòcò: Expressão Artística e Cosmológica do Povo Karajá	Goiás e Tocantins	Formas de Expressão
29/11/2012	Fandango Caiçara	Litoral sul de São Paulo e litoral norte do Paraná	Formas de Expressão
03/04/2012	Festa do Divino de Paraty	Paraty - RJ	Celebrações
05/06/2013	Festa do Senhor do Bonfim	Salvador - BA	Celebrações
27/11/2013	São Sebastião na Região de Marajó	Marajó - PA	Celebrações

Quadro 1: *Patrimônios imateriais registrados até julho de 2014.*

Fonte: CAPONERO, M.C. (2010, p.57), atualizado pelo site do IPHAN:

<<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/conOrdemE.jsf?ordem=3>. Acesso em 10/07/2014>

Observando esse quadro, podemos inferir que ainda faltam muitos bens imateriais a serem registrados, porém já não há um predomínio de bens de origem europeia, como acontece com os bens de natureza material, fato destacado por Londres (2001). Há registro de manifestações de vários povos formadores do Brasil, como índios, africanos, imigrantes europeus e mesmo de manifestações surgidas do encontro desses povos. Por outro lado, ainda não há registro de nenhum bem de origem oriental.

Além disso, muitos estados ainda não possuem nenhum bem registrado, como é o caso, por exemplo, do Ceará, estado riquíssimo em expressões imateriais, ou ainda os estados da região Sul, com um forte número de manifestações trazidas pelos imigrantes alemães, poloneses e de outras partes da Europa.

Depois de 11 anos do início dos registros, esse número de bens nos mostram que esse trabalho de reconhecimento ainda está muito vagaroso. A discussão sobre patrimônio cultural ainda deve avançar bastante, perpassando por todos os setores da sociedade e construindo uma rede ampla de discussões e proteção.

Ao longo desta reflexão pode-se observar que o assunto é complexo e ainda demanda muitos debates. Um dos destaques, entretanto, parece ser a necessidade da participação de toda a sociedade nessa discussão e a apropriação desse patrimônio por ela.

Qual a identidade cultural deste imenso país chamado Brasil? Sabemos que sua premissa é a diversidade cultural, mas como realmente conhecê-lo a partir desse ponto?

Grande parte da população brasileira já ouviu falar ou já viu, mesmo que através dos meios de comunicação, a Festa do Círio de Nazaré ou a Festa de Parintins ou os repentinos nordestinos, ou ainda já viu uma roda de capoeira, ou sabe algo sobre os famosos acarajés da Bahia ou os queijos de Minas. Mas será que essa população tem ideia de qual a importância dessas manifestações e saberes para as comunidades locais ou mais ainda, qual a importância da preservação desses saberes e manifestações para a preservação da memória do país? Há uma grande possibilidade de que uma boa parte da sociedade acredite que essas manifestações sejam apenas meros espetáculos, apartados do povo brasileiro.

No sentido de colaborar para a compreensão de uma dessas manifestações é que no próximo capítulo apresentaremos um estudo mais elaborado sobre uma dessas manifestações: as Folias de Reis de São José do Barreiro.

CAPÍTULO 3

A FOLIA DE REIS DE SÃO JOSÉ DO BARREIRO

3.1 A origem da devoção aos Santos Reis

As folias de reis encenam a passagem litúrgica da viagem dos três Reis Magos que vão visitar o menino Jesus que acabara de nascer em Belém. Essa referência encontra-se na Bíblia, mais especificamente no Evangelho de Mateus.

1. E, tendo nascido Jesus em Belém de Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,
2. Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo.
3. E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalém com ele.
4. E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes, e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo.
5. E eles lhe disseram: Em Belém de Judeia; porque assim está escrito pelo profeta:
6. E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo, Israel.
7. Então Herodes, chamando secretamente os magos, inquireu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera.
8. E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino e, quando o achardes, participai-me, para que também eu vá e o adore.
9. E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino.
10. E, vendo eles a estrela, regozijaram-se muito com grande alegria.
11. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra.
12. E, sendo por divina revelação avisados num sonho para que não voltassem para junto de Herodes, partiram para a sua terra por outro caminho. (Evangelho de São Mateus 2: 1-12).

Influenciados por essa passagem bíblica, torna-se tradição o relato de três Magos do Oriente que partem de suas terras, guiados por uma estrela e chegam a uma gruta em Belém, na Judeia, para adorar o filho de Deus que havia nascido, a quem ofertam como presentes ouro, incenso e mirra.

Segundo Varazze (2003), esses personagens são chamados de “magos” (terminologia persa) por serem donos de grande sabedoria, sendo ainda chamados

de escribas pelos judeus, filósofos pelos gregos e sábios pelos latinos. Os magos foram transformados em reis por uma associação realizada com um verso do Salmo 72.¹³

Desde a origem do Cristianismo, essa passagem, conhecida popularmente como “Adoração dos Reis Magos” tem influenciado as artes e as tradições populares. Segundo Silva (2006, p. 19), o pesquisador francês Gilbert Vezin, autor da obra clássica *L’ Adoration et le cycle de Mages dans l’art chrétien primitif*, afirma de modo categórico que “o tema da Adoração dos Magos foi o assunto mais popular e frequente que se expressou na arte, no Oriente e no Ocidente”.

Pessoa (2007) relata que quanto aos nomes e números desses magos, em uma espécie de desenvolvimento acumulativo de interpretações, o que chega a nós é a definição de Beda, um monge que viveu entre 673 e 735 no mosteiro de Jarrow na Inglaterra e escreveu um texto intitulado *Excerpta et Collectanea*. O trecho abaixo, transcrito por Yamauchi (1996), é atribuído a esse monge:

Melquior, um homem velho com cabelos brancos e longa barba [...] ofereceu ouro para o Senhor como rei. O segundo, de nome Gaspar, jovem imberbe e de pele avermelhada [...] honrou-o como Deus com seu presente de incenso, oferenda digna da divindade. O terceiro, de pele negra e de barba cerrada, chamado Baltazar [...] com seu presente de mirra testemunhou o Filho do Homem que deveria morrer. (YAMAUCHI, 1996, apud PESSOA, 2007, p.26)¹⁴.

Pastorino acrescenta que, na “interpretação usual, o ouro exprime a confissão da realeza de Jesus, o incenso de sua divindade e a mirra de sua humanidade” (PASTORINO, 1964, p.82).

No livre relato dos foliões de reis, esses presentes tiveram um destino interessante:

¹³ Essa associação refere-se aos versículos 10 e 11 do Salmo 72: “10[...] os reis da Arábia e de Sabá lhe trarão presentes”; “ 11. E adorá-lo-ão todos os reis da terra”.

¹⁴ YAMAUCHI, E. M. *Persia and the Bible*, Baker Publishing Group, Miami, 1996.

A primeira Festa de Reis foi há mais de 2000 anos quando o menino-Jesus nasceu. Nossa Senhora não aceitou os presentes, o ouro, o incenso e a mirra, e pediu pra usarem essas riquezas para dar uma festa para as pessoas festejarem o nascimento do seu filho. (Jesus Pereira de Lima, mestre da Folia de Reis “Sertão da Onça” de São José do Barreiro, 2013).

Além dos presentes, outro elemento simbólico muito importante nessa passagem, frequente nas Folias de Reis, é a estrela. É ela, segundo relatos baseados na passagem bíblica de Mateus, que anuncia e guia os Magos ao encontro do Messias recém-nascido. A “Estrela de Belém” ou “Estrela do Oriente” percorreu por séculos o imaginário popular e também foi objeto de estudo de astrônomos, teólogos, filósofos e outros pesquisadores. Nenhuma pesquisa astronômica foi conclusiva para determinar a veracidade desse evento, embora haja muitas hipóteses (aparecimento de um cometa, quádrupla conjunção de planetas, estrela nova etc.). De acordo com Chevalier e Gheerbrant, provavelmente não foi um fenômeno físico, mas, sim, simbólico e psicológico.

A estrela de Belém é considerada pela maioria dos historiadores como uma concessão da Igreja nascente ao pensamento astrológico, na época todo poderoso, e se inclui entre os fenômenos cósmicos extraordinários, parecidos entre si, que precederam o nascimento de quase todos os chamados *Filhos de Deus* (inclusive Buda). (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1982, p. 408).

A Estrela de Belém está presente em grande parte das representações do tema da Natividade. As mais antigas mostram uma estrela simples (seis, sete ou oito pontas), como, por exemplo, nas cenas esculpidas em sarcófagos romanos do século VI, da Igreja de Santo Apolinário, em Ravena, e no mosaico do século V do arco triunfal da Igreja de Santa Maria Maggiore, em Roma. Mais tarde Giotto (1267-1337) pinta dois afrescos (de uma série sobre a vida de Jesus), representando a estrela da Epifania com uma cauda. Acredita-se que ele tenha se inspirado na passagem do cometa Halley, ocorrido em 1301.

Figura 12: Giotto. *A adoração dos Magos*, 1304-1306. Capela Scrovgni. Pádua, Itália.
 Fonte: <http://www.wikiart.org/en/giotto/adoration-of-the-magi-1306>

O episódio da Adoração dos Magos é incorporado à liturgia cristã aos poucos. Segundo Félix (2007), inicialmente a Páscoa, celebrando a ressurreição, era a única festa cristã; mais adiante surge uma segunda festa cristã, em torno do batismo de Jesus e, algum tempo depois, passam a ser celebrados também o milagre das Bodas de Caná e a visita dos Magos ao menino Jesus, recebendo o nome de Epifania, que significa “a aparição de Deus entre os homens”.

Silva (2006) relata:

[...] esse episódio veio a se constituir na essência da celebração da Epifania, festejada desde sua origem, no Oriente, nos primeiros séculos do Cristianismo, no dia 6 de janeiro de cada ano, também conhecido como dia de Santos Reis. A Epifania foi somente estabelecida em definitivo no século IV como uma das festas mais solenes da liturgia cristã, significando que o Messias prometido veio não apenas para os judeus, mas também para todos os povos da humanidade. (SILVA, 2006, p. 13)

Ainda segundo Silva (2006), o Dia de Reis e a Epifania são desvinculados do calendário cristão no II Concílio do Vaticano, realizado em quatro sessões, de 1962 a 1965, que decidiu que a Epifania seria comemorada em um domingo, no período

entre 2 e 8 de janeiro. Dessa forma, o dia de Santos Reis deixa de ser feriado em vários países, inclusive no Brasil e Portugal, diminuindo, de certa maneira, o brilho das festividades da data. Apesar disso, muitos países como Espanha, Itália, Alemanha, México e Argentina conservam o feriado nacional no dia 6 de janeiro.

Félix (2007) nos conta como o tributo a esses personagens foi importante e como sua representação foi se transformando:

Por volta do final do século XI e começo do século XII, a Igreja, em luta contra os poderes temporais – e se apoiando na aproximação já feita por Tertuliano entre a narrativa de São Mateus e o versículo 11 do Salmo 72 (“Todos os reis se prostrarão diante dele”) – substitui, quase de maneira sub-reptícia, a imagem dos Magos, que naquela época já não evocava mais grande coisa no Ocidente, pela imagem dos Reis, vindo reconhecer a superioridade do poder espiritual. Os Magos tornaram-se, portanto, Reis Magos, tomaram as vestes de seus contemporâneos, receberam nomes e, mais tarde, bandeiras como os senhores daquela época. São seguidos de um rico cortejo. Cada rei ou grande príncipe quis se fazer representar como Rei Mago ou se colocar sob sua proteção. Pouco a pouco o Rei mais idoso dobrou os joelhos, depois depositou a coroa aos pés do Menino em sinal de vassalagem. Passamos, então, da Oferenda dos Magos à Adoração dos Magos. (FÉLIX, 2007, p.56)

É nessa configuração que a cena é representada nos presépios: os três Reis chegando em fila para se prostrarem diante do menino-Jesus; em primeiro lugar, mais próximo à manjedoura, o rei de barbas longas, Melquior, ajoelhado, oferecendo o ouro; logo atrás vem o mais jovem, Gaspar, com o incensário nas mãos e, por último, o Rei negro, Baltazar, trazendo uma caixa com a mirra. Para cantar diante do presépio, os foliões de Reis, em São José do Barreiro, arrumam as imagens nessa ordem, pois só então, segundo eles, podem começar a cantar.

Os três Reis quando chegaram
Foi abrindo seu tesouro
Ajoelharam e ofereceram
Dando mirra, incenso e ouro.
(Versos da cantoria de Folia de Reis de São José do Barreiro)

Aliny Lourenço 2012

Figura 13: Pequeno altar com presépio, na casa de devotos à espera da Folia De Reis

Nas lendas e tradições medievais, como relata Kodama (2009), os Três Reis, reencontram-se após alguns anos em Sewa, cidade da atual Turquia, e são citados como os primeiros convertidos a pregar o cristianismo. Peregrinam pela Ásia Menor evangelizando, faleceram e foram sepultados nessa mesma cidade. Seus corpos são enviados como relíquia para Constantinopla e, no século VI, para a Igreja de Santo Eustóquio, em Milão. Já no século XII, Milão é invadida por um imperador germânico, Frederico Barba Roxa (1152-1190), e em torno de 1164 as relíquias dos Reis foram levadas para Colônia, na Alemanha, pelo Arcebispo Rainald Von Dassel e no dia 23 de julho desse ano foram depositadas na antiga catedral. Essas relíquias estão até hoje na mesma cidade, em uma rica urna no Altar-Mor da atual catedral.

Os estudiosos não são capazes de precisar de quem sejam os corpos depositados na urna em Colônia. A urna dos Reis é considerada, juntamente com a urna que guarda os restos do imperador Carlos Magno, um dos maiores tesouros da arte medieval. Foi confeccionada em ouro e pedras preciosas, projetada e iniciada em 1181 pelo mestre ourives Nikolaus Von Verdun, e concluída em 1220, por seus seguidores. A atual catedral de Colônia foi iniciada em 1248 e finalizada em 1880 por Guilherme I, imperador da Prússia, convertendo-se em um dos maiores centros de

peregrinação da Idade Média; hoje é considerada como uma das mais ricas, altas e bela construção gótica.¹⁵ (KODAMA, 2009, p. 113)

Em muitos países da Europa, como França, Alemanha, Espanha, Portugal e Bélgica, e também na América, em alguns países de origem hispânica, como México, Argentina e Paraguai, as festas de Reis são tão importantes como o Natal. Atualmente, no dia 6 de janeiro, em muitos desses países se trocam presentes e são realizados encontros familiares com muitas comidas. O Bolo de Reis, ou *gallette dês róis* como é conhecido na França, é uma antiga tradição europeia. Segundo Pessoa (2007), seguindo um ritual antigo, é colocada uma *feve* (miniatura de uma imagem dos Santos Reis) no meio da massa ainda crua. No final do jantar os pedaços de bolo são distribuídos e a pessoa que recebe o pedaço com a miniatura é coroada e designada para dar a festa no ano seguinte. Segundo o mesmo autor, o costume é associado à crença de trazer felicidade e sorte.

Na véspera do Dia de Reis, 5 de janeiro, em muitas cidades e povoados da Espanha realiza-se uma grande festa, com o tradicional Cortejo do Reis Magos, a “Cabalgata del Reyes”. Há desfiles de carros alegóricos com pessoas caracterizadas como os três Reis e seus ajudantes, distribuindo doces às crianças. No fim do desfile os Reis misturam-se com as crianças para brincar. As crianças deixam sapatos nas janelas, com capim ou ervas para alimentar os camelos dos Reis Magos e também copos de vinho ou licor para os Reis, recebendo em troca muitas guloseimas. No dia 6 de janeiro, as crianças recebem presentes. Também é tradição na Espanha o bolo de Reis, com a fava no meio da massa, porém lá é chamado de “Roscón”. A tradição das crianças receberem presentes no Dia de Reis foi assimilada por quase todos os países de colonização espanhola

No Brasil pode-se considerar que essa devoção é trazida já no início da colonização portuguesa, pois em 6 de janeiro de 1548 é fundado o Forte dos Reis Magos em Natal, Rio Grande do Norte, marcando, provavelmente, a introdução do culto aos Santos Reis. No século XVIII chegam as primeiras imagens dos Reis Magos ao Forte.

¹⁵ A Catedral de Colônia é Patrimônio Cultural da Humanidade, declarada pela UNESCO.

Segundo Pessoa (2007), as duas edificações mais antigas e ainda conservadas no Brasil em devoção aos Santos Reis são o Forte dos Reis Magos, na cidade de Natal (RN), já citada acima, e a Igreja e Residência dos Reis Magos no distrito de Nova Almeida, no município de Serra (ES).

O Forte dos Reis Magos, que compreende também a Capelinha dos Reis Magos, é uma edificação militar com o formato de uma estrela de cinco pontas. O primeiro projeto, com construção iniciada em 6 de janeiro de 1598 e inaugurada em 25 de dezembro de 1599, é do arquiteto e padre jesuíta Gaspar Samperes, e a edificação atual, de 1614, é do engenheiro-mor Francisco Farias de Mesquita. Considerada uma das mais belas edificações do litoral brasileiro e um marco na história das fortificações da orla marítima do Brasil, foi tombado pelo IPHAN em 1949, no Livro Histórico, com a seguinte descrição:

Construção iniciada em 1598, em taipa, estacada e areia solta. Posteriormente, Francisco de Frias da Mesquita, engenheiro-mor e dirigente das obras de fortificações do Brasil (1603-1634), substituiu a taipa por pedra, concluindo as obras em 1628. O desenho da planta, de autoria de Gaspar de Samperes, possuía a forma clássica do forte marítimo: um polígono estrelado, no qual o ângulo reentrante ficava na direção norte. A casa de pólvora com traço primitivo do arquiteto-mor Francisco Farias se localiza no centro da praça de armas. De forma quadrada e construção em pedra, a casa de pólvora possui vãos em arco pleno pelos lados, escada de dois lances para compartimento superior, com porta de acesso de verga reta e cobertura em cúpula piramidal. Possui cunhais, cornija e pináculo nos cantos e na ponta da cúpula. Entre as muralhas e ao redor da praça das armas, se verifica a existência de construções como a cada de comando, com três pavimentos e dois pavimentos, tendo janelas e portas de vergas e coberturas com caimentos para praça. A construção, em três pavimentos, tem cobertura de quatro águas e escada de pedra. O acesso ao forte é feito por uma passarela ou ponte, da praia ao passadiço e, a partir daí, através de arcada à direita, que sai para um corredor. Possui escada para terrapleno e portão para praça. (IPHAN, Livro Histórico, Inscrição nº 256 de 13/05/1949).¹⁶

¹⁶ Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm>> Acesso em 01/05/2014.

Figura 14: Forte dos Reis Magos, Natal, RN.

Fonte: <http://jornaldehoje.cdnet.net/media/2013/01/Forte_dos_Reis_Magos.jpg>

O conjunto arquitetônico de Nova Almeida, no município da Serra (ES), é composto pela Igreja dos Reis Magos, a residência dos padres e a praça. Construído entre 1569 e 1580, a igreja é o templo mais antigo dedicado aos Reis Magos no Brasil. É um dos principais exemplares do patrimônio arquitetônico jesuíta brasileiro, pois sua edificação não sofreu muitas interferências ao longo dos séculos e suas características originais foram totalmente preservadas. Propriedade do IPHAN desde 1982 e tombada como patrimônio artístico e histórico desde 1943, a Igreja dos Reis Magos possui exemplares artísticos consideráveis em seu acervo. Um deles é a pintura “Adoração dos Reis Magos”, cuja autoria foi atribuída ao Frei Belchior Paulo, considerada uma das primeiras pinturas a óleo do Brasil e um dos maiores exemplares da arte sacra brasileira (PESSOA, 2007, p.157).

Figura 15: Conjunto Arquitetônico de Nova Almeida, Serra, ES.

Fonte: <http://capixabacult.com.br/?x=igreja/7>

Entre as variadas tradições relacionadas aos Santos Reis nas comunidades brasileiras há muitos costumes de simpatias ou orações feitas no dia 6 de janeiro, entre as mais comuns são a de escrever o nome dos três Reis na porta de entrada da casa, pedindo proteção e prosperidade, ou chupar três grãos de romã durante o dia, pedindo aos Santos Reis fartura durante todo o ano e depois guardá-los na carteira. Também é nesse dia, segundo a tradição popular, que se desmonta o presépio.

3.2 A origem das folias

A folia é definida como “grupo precatório de cantores e de instrumentistas” (BRANDÃO, 1977, p.4) que transita por um espaço “simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeito de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula” (BRANDÃO, 1981, p.36).

As mais conhecidas e com o maior número de ocorrências no Brasil são as Folias de Reis e Folias do Divino, mas também encontramos ocorrências de folias em louvor a outros santos, como Folia de São Gonçalo, Folia de São Benedito, Folia de São Sebastião¹⁷ e Folia de Sant’Ana. Embora, essas diferentes folias tenham traços e elementos bem similares, possuem características próprias do tipo (devoção) e localidade onde acontecem.

Segundo Lima, a denominação “folia” surgiu em Portugal “para designar uma dança barulhenta, com acompanhamento de pandeiros. Era executada por homens vestidos de mulher, os quais se comportavam de maneira tão selvagem, que davam a impressão de estar fora de si” (LIMA, 1962, p.101). O autor ainda acrescenta que a mais antiga referência ao termo encontra-se no “Auto da Sibila Cassandra”, de Gil Vicente, de 1505, apresentando uma écloga na qual os personagens cantam uma folia.

¹⁷ A mais recente celebração declarada como Patrimônio Imaterial Brasileiro, “São Sebastião na Região de Marajó”, é precedida por uma Folia de São Sebastião.

Auto da Sibila¹⁸

Traz Salomão Esaias e Moyses e Abrahão , cantando todos quatro de folia a cantiga seguinte:

Que sañosa está la niña!
 Ay Dios, quien le hablaria!
 En la sierra anda la niña
 Su ganado á repastar;
 Hermosa como las flores,
 Sañosa como la mar.
 Sañosa como la mar
 Está la niña;
 Ay Dios, quien le hablaria!
 (GIL VICENTE, 1965, p. 139)

Yara Moreira descreve a ocorrência da Folia como uma tradição europeia ligada à música, à dança e ao teatro europeu. Segundo a autora, a Folia começou a aparecer nos cancioneros ibéricos no início do século XVI e a partir do século XVII foi popularizada em toda a Europa, porém tal popularização transformou-a em “uma música de caráter grave, diferindo da dança original” (Moreyra, 1983, p.137).

Com relação ao teatro, a mesma autora aponta que o teatro medieval nasceu com a encenação de textos litúrgicos nas igrejas. Já no século XI eram comuns encenações com temas relacionados à Páscoa e ao Natal. Os primeiros dramas, chamados de *Officium Pastorum*, eram alusivos à visita dos pastores ao Menino Jesus. Posteriormente surgiram, em diversas versões, os dramas envolvendo a visita dos Reis Magos, denominadas como *Officium Stellae*. Progressivamente surgem dramas fundindo as duas visitas e incorporando as passagens bíblicas sobre a matança dos inocentes, a fuga para o Egito e resgatando o anúncio dos profetas. Assim, o ciclo natalino se completa numa concepção temática nomeada com *Ordo Prophetarum* (Moreyra, 1983; Brandão, 1982)

A temática dos Reis Magos, originalmente de berço religioso, foi ganhando espaço e representatividade não só dentro da Igreja, mas também fora dela. Assim,

¹⁸ Esta obra retrata um auto natalino, com características cômicas e músicas em forma de folia.

remontando às tradições das janeiras¹⁹, surgem cortejos peditórios com esse tema, chamados de Reisadas. Sobre isso, Pessoa (2007) explica:

Os relatos e as descrições mais ortodoxos costumavam caracterizar as janeiras como cantares mais profanos ou ligados à sociabilidade comunitária das aldeias (em Portugal, vilarejos e pequenas cidades). Nesse caso as janeiras aconteciam nos dias 31 de dezembro e 1º de janeiro. Já as reisadas e o cantar os Reis, tanto no comportamento do cortejo quanto no conteúdo dos versos cantados, eram eventos com um perfil mais religioso e davam-se justamente no Dia dos Reis. (PESSOA, 2007, p 135).

Além das janeiras originárias de Portugal, vários autores relatam também a influência dos *villancicos* praticados na Espanha no século XV e difundidos por toda a América Latina, além de outros cantos semelhantes, praticados por toda a Europa.

Estas tradições ibéricas chegaram ao Brasil, com suas dramatizações e peditórios trazidos pelos colonizadores portugueses. Os jesuítas que aqui chegaram em 1549 utilizaram-se destas tradições para catequizar e instruir índios e colonos portugueses:

Os missionários jesuítas utilizavam, no trabalho de catequese e ensino, “peças do folclore ibérico, canto gregoriano e música indígena, executada com seus chocalhos e flautas”, assim escreve o historiador Hernani Silva Bueno, no volume 7 da coleção História do Brasil. Acrescente-se, ainda, os cortejos religioso-festivos que se realizavam nesses aldeamentos por ocasião dos dias santificados e dos respectivos padroeiros; com “representações, folias, danças e mascarados”. Assim registram o Padre Carlos Bressiani, no livro *A Primeira Evangelização das Aldeias ao redor de Salvador, Bahia 1549-1569*, e Leite de Vasconcelos na transcrição etnográfica do “Peregrino da América” de Nuno Marques Pereira. (SILVA, 2006, p. 47).

Tinhorão descreve que os jesuítas, percebendo o fascínio dos indígenas pela música, ofereciam às crianças indígenas aprendizado de instrumentos àquelas que

¹⁹ Canção entoada por um grupo que visitava pessoas amigas no primeiro dia do ano. *Dar as janeiras, cantar as janeiras, pedir as janeiras* são expressões que fixavam a festa tradicional ligada ao ciclo do Natal. São oferecidos presentes, alimento, dinheiro aos cantadores, que louvam os santos e o dono da casa visitada. (CASCUDO, 2001, p 289)

participassem das aulas de religião. Com o sucesso dessa ação, também foram trazidos alguns meninos órfãos de Portugal para conviverem com os pequenos índios, auxiliando na catequização.

Os meninos abrigados no Colégio dos Órfãos de Lisboa [...] recebiam lições de canto e música e, ao chegar à Bahia, traziam certamente de Portugal um repertório que incluía, além de cantos sacros, cantigas religioso-profanas do gênero dos vilancicos natalinos (“Gram Senhor nos há nacido/ humano e mais divino”) e outros cantados de versos devotos, mas talvez já revestido de certo sabor popular [...] (TINHORÃO, 2000, p.26).

Assim, com a formação musical e jesuítica, cabia a essas crianças participarem das várias procissões religiosas que, à maneira de Portugal, eram acompanhadas por música, danças e representações. Em “As Danças Dramáticas do Brasil”, Mário de Andrade (1982) reproduz o trecho de uma carta do padre Leonardo Vale, de 1561, em que ele descreve uma dessas procissões realizadas na Ilha de Itaparica, na Bahia:

E acabada a missa se fez uma procissão onde ia o Bispo debaixo dum pálio vermelho com mais ministros que já disse revestidos, por uma mui comprida e formosa rua, e porque a festa não parecesse somente nossa e dos novos cristãos, muitos dos Gentios, cheios de fervor e ataviados a sua guisa, com pena mui louçã e seus maracás nas mãos, tangendo, ordenarem sua folia, com que discorria pela procissão, e assim foi celebrada com motetes em canto do (sic) órgãos e salmos bem acompanhados de vozes, e também com os cantares e folia, dos que se mais souberam mas fizeram. (LEITE, Serafim, 1956 *apud* ANDRADE, 1982, p. 32-33)²⁰.

Mário de Andrade entende as folias (das quais participavam primeiramente os índios e, mais tarde, os negros escravos) como precursoras das diversas danças dramáticas brasileiras. Ele afirma que:

²⁰ LEITE, Serafim. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil*. São Paulo, 1956.

Essas folias com que não apenas os “negros” destas Índias Ocidentais, porém ainda os “negros da Guiné” e mesmo os brancos acompanhavam com danças as procissões católicas, foram certamente no país, o maior incentivo para a tradicionalização do princípio do cortejo-baile, usado pelas nossas danças dramáticas.

Meu modo de pensar é que as danças dramáticas brasileiras derivam, pois, tecnicamente de três tradições básicas:

O costume do cortejo mais ou menos coreográfico e cantado, em que coincidiam as tradições pagãs de Janeiras e Maias, as tradições profanas cristãs das corporações proletárias e outras, os cortejos reais africanos e as procissões católicas com folias de índios, pretos e brancos.

Os Vilhancicos religiosos, de que os nossos Pastoris, bem como as Reisadas portuguesas, são ainda hoje formas desniveladas popularescas.

Finalmente os brinquedos populares ibéricos, celebrando as lutas de cristãos e mouros. (ANDRADE, 1982, p.33).

Nesse mesmo sentido, Moreira (1983), assegura que o relacionamento entre folia e cortejo permaneceu, mesmo com o controle da Igreja sobre os excessos dramáticos desses grupos que acompanhavam as procissões, sendo talvez derivado desse fato, o surgimento da denominação Folia aos cortejos religiosos populares de Reis, Divino e outros santos.

É importante a observação de que muitos foliões não costumam usar esse termo para designação de seus grupos, preferindo chamá-los de “Companhia” ou apenas “Reis”. Durante o trabalho de campo desta pesquisa, em vários momentos, a pesquisadora presenciou os foliões fazerem esta referência:

Amanhã nós vamos tocar Reis lá na serra. (Marinho, Mestre da Folia de Reis “Divino Espírito Santo”, de São José do Barreiro, 2013).

Daqui a pouco os Reis vão passar lá na sua casa. (Laércio Rodrigues, Mestre da Folia de Reis “Sertão da Onça”, de São José do Barreiro, 2013).

Pode-se inferir que tal resistência se deva ao fato do termo Folia estar relacionado à bagunça, brincadeira, como também aos festejos de Carnaval; enquanto que as Folias de Reis são, para os foliões e devotos, uma prática religiosa que merece grande respeito.

3.3. As Folias de Reis

As tradições de Reis no Brasil sofreram influências locais, regionais e étnicas. Assim como na Europa, foram se popularizando e por consequência assumindo traços das diversas regiões brasileiras, porém mantendo sempre a base de devoção aos Santos Reis. Dessa forma, com características muito próximas ou algumas vezes bem diferentes, as tradições de Reis receberam diversos nomes: Reisados, Pastoris, Lapinhas, Ternos de Reis, Bois de Reis, Bois de Mamão, Folias de Reis e outros. Sobre essa variação e expansão, Torres e Cavalcante acrescentam:

Tudo indica que, no início da colonização, junto aos núcleos de povoamentos mais consolidados (Salvador/vilas próximas do Recôncavo, Olinda e, pouco depois, Recife, já sob o domínio holandês, Rio de Janeiro/Niterói e São Vicente/São Paulo de Piratininga) moldaram-se as formas iniciais das tradições de Reis no Brasil. Presépios, Lapinhas e Pastoris, seguindo-se de outras representações folclóricas derivadas, Reisados, Rancho de Reis, Terno de Reis (versão baiana), Guerreiros etc. (TORRES; CAVALCANTE, 2008, p.201).

Théo Brandão, em seus estudos sobre os folguedos natalinos, nomeia e relaciona algumas dessas manifestações às regiões predominantes, relatando também a hibridização desses folguedos com outros:

O Reisado é um dos autos populares próprios da época natalina que se filia ao vasto ciclo de folguedos derivados das “Janeiras” e “Reis” portugueses, como as Folias de Reis de S. Paulo, Estado do Rio, Guanabara, Bumba-meu-boi do Nordeste, Reis de Boi do Espírito Santo, Boi – de – Mamão do Paraná e Santa Catarina, Boizinho do Rio Grande do Sul e Boi – Bumbá da Amazônia. Em Alagoas o auto sincretizou com outro folguedo, o auto dos Congos ou Rei de Congos, talvez também um Reisado, e por isso passou a apresentar maior riqueza e encanto em sua indumentária, em sua música e coreografia, tornando-se assim diferente, em certos aspectos, das versões de Reisados de outros Estados e regiões do país. (BRANDÃO, 2003, p. 44).

Deve-se observar que o termo reisado, além de designar um destes folguedos, também significa o conjunto das práticas rituais e devocionais relativas

aos Reis Magos que, de acordo com o levantamento feito por Ulisses Passarelli (SILVA, 2006, p.14), é hoje uma “família” com mais de 60 tipos diferentes. Cascudo (2001, p. 581) explica o termo reisado “é denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro). [...] refere-se sempre aos ranchos, ternos, grupos que festejam o Natal e Reis”.

As explicações sobre os termos relacionados às manifestações de Reis fazem-se necessárias porque, muitas vezes, em diferentes referências, tais nomenclaturas aparecem como sendo relativas ao mesmo folguedo.

Sob a forma específica de Folia de Reis, que tratamos neste estudo, a área de maior incidência é a Região Sudeste (SP, RJ, MG e ES), espalhada por um grande número de municípios, inclusive nas regiões metropolitanas. No estado de São Paulo há registros em um grande número de cidades por todas as regiões paulistas, além da Grande SP e em alguns bairros da capital.

A Região Centro-Oeste também aparece com uma grande concentração desse folguedo, principalmente no estado de Goiás, onde há também um número muito expressivo de pesquisas sobre o tema, destacando-se, como pioneiros, os estudos de Carlos Rodrigues Brandão (1977, 1983) e Yara Moreira (1983) além de Canesin e Silva (1983), Ikeda (1994) e Pessoa (1993, 2007).²¹

De maneira menos numerosa, as Folias de Reis aparecem também nas regiões Sul e Nordeste. Mesmo apresentando características bem similares, há algumas diferenças. Dependendo da localidade onde aparecem ou de onde vieram podem variar: os tipos de instrumentos, a toada (que será explicada adiante), a designação e número dos componentes e até mesmo a explicação de alguns elementos. Canesin e Silva (1983) explicam que essas diferenças entre as diversas Folias de Reis ocorrem porque os devotos, ao longo do tempo, inventam novas maneiras de louvar, modificando-as a cada ano.

Durante esta pesquisa, acompanhando duas Folias de Reis da cidade, o Grupo “Sertão da Onça” e o Grupo “Divino Espírito Santo”, foi possível observar

²¹ Pessoa (2007, p. 176) explica que a disseminação das Folias de Reis no Centro-Oeste deu-se pelas Bandeiras, que partiam de São Paulo em direção à Goiás, entre os séculos XVI e XVII, estruturando-se o chamado Corredor das Bandeiras, formados por São Paulo, Minas Gerais, Goiás e o nordeste do Mato Grosso do Sul.

também algumas diferenças, como o período de sua saída e duração da jornada. Enquanto a Folia “Sertão da Onça” faz sua jornada entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro, a “Divino Espírito Santo” tem sua saídas no final de novembro e continua em jornada até às vésperas da Festa de Reis, que tem acontecido, há alguns anos, no último ou penúltimo sábado de janeiro. Mestre Marinho explica que eles saem antes porque, como tocam na zona urbana, têm muitas casas para visitar e, como muitos dos foliões trabalham durante a semana, só conseguem sair à noite. Outro motivo seria o fato que as contribuições diminuíram muito. Enquanto no “sertão” os devotos doam animais (novilhos, frangos, porcos), na cidade é diferente, as doações são bem menores, necessitando maior tempo para angariar os donativos necessários para a realização da festa.

Figura 16: Folia de Reis "Divino Espírito Santo"

Aliny Lourenço, 2012

Ikeda (2011) define assim as Falias de Reis:

Trata-se de grupos de devotos dos Três Reis Magos que, normalmente no período entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, anualmente, portando instrumentos musicais e um estandarte alusivo à devoção, fazem visita nas casas, onde realizam louvações cantadas ao Menino Deus e aos Reis Magos (Baltazar, Melchior e Gaspar). O estandarte ou bandeira traz sempre a figura dos “Reis Santos” e/ou cenas da natividade, sendo o símbolo representativo das folias. O número de componentes do grupo é variado, na

média entre 8 e 12 elementos. Além das cantorias louvativas, as folias angariam contribuições (esmolas) para a realização da Festa de Reis. Naturalmente, comunicam e convidam os donos das casas visitadas para os festejos. As “esmolas” variam de acordo com as possibilidades de cada casa visitada; no geral são contribuições em dinheiro (pequenas quantias) ou a doação de gêneros alimentícios (arroz, feijão, farinha, macarrão) e até mesmo pequenos animais (galinha, pato etc.) que são utilizadas no dia da festa. (IKEDA, 2011, p.73)

A Folia forma-se, geralmente, por uma promessa, feita por uma pessoa e assumida pelo grupo. Pela tradição, a Folia precisa sair pelo menos durante 7 anos. Porém, como é um compromisso assumido coletivamente, outros companheiros vão fazendo novas promessas, implicando que a Folia continue a sair nesse mesmo espírito de coletividade.

Segundo Xidieh (1972, p. 31), ao fazer a promessa, a pessoa assume o compromisso de realizar “atos piedosos, que deverão redundar não só em seu benefício pessoal, mas também no de todo o grupo social a que pertence”, assim, o compromisso com a comunidade, que também necessita receber os dons e benefícios sagrados, é motivação para a Folia continuar ativa. Ainda nesse sentido, o autor explica: “a criatura que faz a promessa penetra num campo místico de relações: de um lado ela; de outro um santo, as almas ou o produto de Deus; entre ambos a causa ou os motivos que os comprometeu e aproximou”.

Alinv Lourenco. 2013

Figura 17: Folia de Reis "Sertão da Onça"

A Folia está “a serviço” dos Santos Reis e deve representá-los da melhor forma possível. Os mestres Jesus e Laércio repetem com frequência a explicação: “Tudo o que fazemos é pelos Santos Reis, não é para nós, nem para o festeiro, mas para levá-los [os Santos Reis] para aqueles que precisam”.

Podemos compreender que, como explica Brandão (1981, p.49), os mestres e foliões atuam como mediadores de dádivas, “a Folia de Reis é um grupo ritual do catolicismo popular incluído dentro de um campo de relações e de representações, entre deuses e homens, e entre tipos de homens, mediador de dádivas”.

As Folias de Reis, com suas mensagens de messianismo, anunciam e dão esperança de dias melhores, sendo um forte alento para quem delas participa ou testemunha. Elas possuem a característica peculiar de celebrar a vida.

Dona Dulcineia, moradora de um sítio no alto da Serra da Bocaina, em um local de difícil acesso, durante a jornada da Folia, em dezembro de 2012, veio ao encontro dos foliões, mesmo antes destes chegarem a sua casa, em um misto de lágrimas e alegria declarando com grande emoção: “faz tempo que a Folia não vinha pra cá, estou tão feliz de receber os Santos Reis em minha casa. Minha irmã, que morreu há poucos dias, iria ficar muito contente também se estivesse aqui”.

Kodama (2009), citando Pierre Bruñel, explica:

Segundo Pierre Bruñel (1998), o sentido místico e principalmente mítico das Folias de Reis remete para a tripla função que exercem: o de contar, o de explicar e o de revelar. **Conta** uma narrativa de um começo, uma narrativa de acontecimento fantástico – o nascimento de Cristo; **explica** uma origem – origem divina de Cristo; **revela** um dado sagrado – a presença de Deus entre os homens para anunciar a salvação da humanidade. (KODAMA, 2009, p. 124).

Assim, com muita fé, alegria e esperança, os integrantes da Folia de Reis dedicam dias para expressar sua devoção e levar a mensagem dos Santos Reis para todos aqueles que precisam e desejam.

Aliny Lourenço, 2012

Figura 18: Depois do pouso, despedida da casa de Dona Dulcineia

3.4. Os integrantes das Falias de Reis

Brandão, em seus diversos trabalhos sobre Falias de Reis e outras manifestações, costuma denominar os participantes desses grupos como “devotos artistas”:

[...] vestindo roupas de cores vivas, cantando com instrumentos entre a viola e o pandeiro, dançando passos ágeis, de uma fina maestria e fazendo gestos de uma rústica beleza – dizem e criam, oram, encenam e cantam os devotos artistas dos catolicismos populares à nossa volta. (BRANDÃO, 2004, p. 25).

Observando como os integrantes das Falias de Reis contam a história dos Reis Magos, criando e recriando através de sua música, suas encenações e todo seu ritual simbólico é fácil compreender e concordar com essa argumentação.

Embora não haja um número definido de membros que compõem uma Folia de Reis, alguns componentes são fixos, ainda que suas denominações e funções possam variar de região para região. Neste estudo utilizamos as denominações praticadas entre os foliões de São José do Barreiro.

Os componentes que formam uma Folia de Reis são: mestre, contramestre, alferes, músicos e palhaços. Em um sentido amplo, todos esses integrantes são denominados como foliões.

A participação de mulheres na Folia também é uma característica mutável entre os grupos. Em São José do Barreiro, as mulheres não participam do efetivo da Folia, embora colaborem com a confecção de adornos e na preparação dos alimentos, tanto nos dias de jornada da Folia, quanto no dia da Festa de Reis, que é também a ocasião em que, junto com seus maridos, caso sejam os Festeiros do ano, elas têm participação no ritual da festa.

Os Festeiros do Ano ou Festeiros de Santos Reis não fazem parte do grupo de foliões, porém têm a responsabilidade de organizar a festa do ano. A cada ano é escolhido um novo casal de festeiros que deverão providenciar todos os preparativos, inclusive o local onde será realizada a festa. Essa escolha é, na realidade, combinada entre o mestre e aqueles que já demonstraram interesse previamente. Quando não há uma demonstração de interesse, o mestre, com antecedência, vai conversando com membros da comunidade para encontrar alguém que se disponha. Os festeiros que se dispõem a organizar a Festa de Reis, muitas vezes estão também cumprindo promessas feitas à devoção.

Sobre a questão das mulheres não saírem na jornada, um dos mestres explica:

O problema é que muitas vezes a gente tem que pousar em alguma casa e se o dono da casa não tem muito espaço, a gente dorme amontado, num canto só, ou em qualquer lugarzinho que eles arranjam. Se tiver mulher, daí vai ficar chato e os donos da casa podem ficar sem jeito. (Laércio Rodrigues, mestre da Folia de Reis “Sertão da Onça”, 2013).

3.4.1. Mestre e contramestre

O mestre (embaixador, capitão) é o líder do grupo, aquele que organiza a Folia, geralmente, alguém com mais experiência, que já passou por várias funções no grupo. Ikeda (2011) explica as funções do mestre:

A ele cabe a iniciativa das cantorias, como voz principal, além de tudo que se refira à organização do grupo: decisões sobre percurso a ser cumprido, período do giro, horários, contatos para estabelecer as casas dos pousos, convocação dos músicos etc. Em grande parte, os líderes seguem tradições herdadas do pai ou de algum parente (avô, tio, irmão mais velho) e há nos processos de passagem efetiva da liderança para novos líderes vários anos de treino. (IKEDA, 2011, p. 80).

Nas Falias de São José do Barreiro temos o Mestre Marinho (Lúcio Mário de Alcântara), da Folia “Divino Espírito Santo”, e os Mestres Jesus Pereira de Lima e Laércio Rodrigues, da “Folia Sertão da Onça”, que se revezam na função de mestre e contramestre, por organizarem há muito tempo esta Folia (Laércio há 46 anos e Jesus há 44 anos) já tendo passado por várias outras funções.

Figura 19: Mestre Marinho (Lúcio Mário de Alcântara)

Embora muitos cantos já sejam da tradição das Folias, os mestres também compõem novos versos, sempre obedecendo à história que divulgam. Esses versos muitas vezes são criados durante a cantoria, no improviso. Mestre Jesus, reconhecido pelos foliões pela facilidade na composição de versos, conta:

Um primo me falou: “eu sou bom na viola, mas você é bom no verso!” Porque eu vou cantando assim, não porque eu sou bom não, é porque o verso vem e entra na minha cabeça. Um dia, a gente estava cantando na Bocaina de Cunha, um cantador de Reis de lá chorou quando eu cantei um verso assim: “Maria foi anunciada pelo anjo Gabriel, mandada do pai eterno para ser a mãe do rei do céu”. Ele chorou porque eu cantei um verso bonito! (Mestre Jesus Pereira de Lima, 2014).

Dividindo as funções com o mestre, temos o contramestre que, que auxiliam na organização, recebendo a incumbência da segunda voz. Tanto o mestre, quanto o contramestre são aqueles com maior conhecimento sobre a Folia e responsáveis pela transmissão dos saberes.

Além dos preceitos da Folia de Reis, os mestres também ensinam tocar instrumentos àqueles que desejam fazer parte das Folias. O mestre Marinho, que possui grande habilidade para confecção de violas, também ensina esse ofício aos mais jovens.

Aliny Lourenco. 2013

Figura 20: Mestre Jesus Pereira de Lima

Aliny Lourenço, 2013

Figura 21: Mestre Laércio Rodrigues

3.4.2. Alferes

O Alferes (também chamando bandeireiro) é aquele que vai à frente da Folia levando a bandeira, principal símbolo do grupo. Ao chegar à porta da casa, entrega-a aos moradores e também a recebe na saída. Carregar a bandeira da Folia é um ato de extrema responsabilidade, que deve ser feito com todo o respeito e muito cuidado, tanto que os Alferes das Folias acompanhadas pela pesquisadora carregam sempre um guarda-chuva para a proteção dela, uma vez que o período das andanças da Folia é uma época de muita chuva.

Além da bandeira, ele também recolhe as contribuições e prendas. No caso de prendas mais pesadas, ele deve retornar depois para retirar ou avisará o festeiro que se encarregará de providenciar o transporte (no caso de animais, por exemplo). O Alferes também tem a responsabilidade de preparar os pratos de refeição e levá-los para os palhaços, já que estes não podem comer no meio do povo, pois não

devem ter sua identidade revelada. Moreira (1983, p.150) esclarece que o Alferes era uma figura já presente na tradição das procissões portuguesas, onde o Alferes da cidade carregava a bandeira na festa do Anjo Custódio. Na Folia “Sertão da Onça” essa função também é dividida entre dois componentes que a acompanham há muitos anos, Valter Caetano e José Ribeiro (o “Zezão”), que tem nessa função grande estima.

Adriana da Silva Oliveira, 2012

Figura 22: Alferes da Folia Divino Espírito Santo

Alinv Lourenco. 2013

Figura 23: Sr. José Ribeiro, alferes da Bandeira "Sertão da Onça"

Alinv Lourenco. 2013

Figura 24: Sr. Valter Caetano, alferes da Bandeira "Sertão da Onça"

3.4.3. Músicos

Os músicos são os componentes fundamentais de qualquer folia, porém é o grupo que mais apresenta variações entre as diversas Folias de Reis espalhadas pelo Brasil. A bibliografia sobre o tema relata instrumentos diversos: viola, violão, sanfona, rabeca, triângulo, pandeiro, caixa, agogô, reco-reco e, especificamente nas Folias do Nordeste, as flautas de bico (os pífanos ou pífaros).

As Folias de Reis de São José do Barreiro são formadas por 2 violas, 1 violão, 1 cavaquinho, 2 pandeiros e 1 caixa (zabumba). Os instrumentos são enfeitados por fitas coloridas e flores. Para Garbosi (2002, p. 102), os instrumentos das Folias também têm significado sagrado: a viola de 10 cordas (viola caipira) era tocada por São Gonçalo para realizar curas e milagres. Os músicos também compõem o coro: a 1ª voz (mestre) entoa os versos, que são respondidos pela 2ª voz (contramestre) e finalizados pelos demais.

3.4.4. Palhaços

O palhaço (Bastião, Véio, Marungo etc) é um personagem que reúne um grande número de interpretações, algumas vezes associadas ao “mal”, outras vezes ao “bem”. Algumas Folias não o adotam por acreditarem ser uma figura de mau

agouro, representante do demônio. Geralmente é explicado como sendo um soldado do Rei Herodes disfarçado, que é enviado para seguir os Três Reis Magos; nas associações positivas, esse soldado arrepende-se e passa a proteger o Menino Jesus. Segundo os mestres de São José do Barreiro, ele é o Anjo Gabriel²², que se disfarça para acompanhar os Reis, auxiliando-os a enganar Herodes e proteger o Menino.

O “véio” foi conversar com Herodes e ficou proseando um tempão, quando Herodes pensou que tinha passado três horas, na verdade, já tinha passado três dias. (Jesus Pereira de Lima, 2013).

Ele usa uma farda de chita colorida e florida, meias compridas, máscara e pano cobrindo a cabeça, carrega um bastão na mão (uma madeira fina, com um pedaço de couro ou corda na ponta) que é chamada de reio e uma pequena bolsa de pano para receber doações (dinheiro ou doces). As máscaras são confeccionadas pelos mestres ou pelos próprios palhaços (também é comum receberem de presente), utilizando como base couro ou estopa e enfeitadas com diversos materiais, como crina de cavalo, pele de carneiro ou pintadas.

Geralmente saem em número de dois ou três, nunca devem tirar a máscara e disfarçam a voz para ninguém reconhecê-los. Eles dançam durante o estribilho, ao toque da caixa, uma espécie de “chula”, dando altos saltos e, às vezes, tocam pandeiro. Eles também possuem algumas obrigações durante os rituais especiais: quando canta-se para o presépio, são eles os responsáveis por arrumar as imagens e devem ficar de joelhos em frente à lapinha durante a cantoria; nos rituais de “esmola de falecido”, acendem uma vela e ficam de joelho em frente à bandeira até o final da cantoria. No dia da Festa de Reis, são eles que alegram os convidados com diversas brincadeiras e estripulias durante a música. Diferente de outras regiões, em São José do Barreiro os palhaços não declamam versos.

²² Na tradição cristã, o Anjo Gabriel é aquele que anuncia à Maria que ela será a mãe do filho de Deus, passagem presente nos Evangelhos da Bíblia.

Aliny Lourenço, 2013

Figura 25: Palhaço da Folia Sertão da Onça

Aliny Lourenço, 2013

Figura 26: A dança do palhaço

Frequentemente inicia-se nessa função ainda criança e deve-se ficar nela por pelo menos sete anos; mas há relatos de foliões que permaneceram saindo como palhaço por muitos anos e depois foram assumindo outros cargos, como é o caso do mestre Jesus e do alferes Valter. Este último conta que, no seu tempo, a responsabilidade do palhaço era maior, com muitas proibições. Atualmente não há tantas regras, até para não afastar os mais jovens.

O palhaço não podia tirar a máscara de jeito nenhum, e na hora de comer tinha que ir para bem longe. Se quisesse tirar a máscara à noite, também tinha que ir dormir num lugar sozinho. Hoje em dia não, eles ficam no meio das conversas, comem junto da gente, não tem tanta regra, não. (Valter Caetano, 2013).

Durante a festa de Reis ou em algumas casas da jornada é comum levar crianças, ainda bem pequenas, vestidas como palhaços para começar a ensiná-las.

Figura 27: Pequeno palhaço, Nathan, neto do mestre Laércio

Aliny Lourenço, 2013

Figura 28: Kauã, neto do mestre Laércio, aprendendo a ser palhaço da Folia

Aliny Lourenço, 2012

3.5. A Bandeira

Símbolo principal da Folia, materialização do sagrado, a bandeira possui uma aura de sacralidade estabelecendo relação entre as pessoas e os santos. Para os devotos é o próprio “Santo Reis”.

Trata-se de um estandarte²³ feito de tecido brilhoso, que serve de base para pintura ou fixação de uma imagem da visita dos Três Reis Magos ao Menino Jesus, ocultada por fitas coloridas e enfeitadas com flores de plástico, cordões e bolas de natal e outros materiais, sempre muito colorida e brilhosa. Os devotos costumam prender junto a ela fotos, bilhetes, fitas e outros objetos de promessa.

Ao se aproximarem dela, devotos e foliões sempre demonstram muito respeito, beijando suas fitas e ajoelhando-se à sua frente. Antes de iniciar a jornada de cada dia, todos os foliões devem reverenciá-la dessa forma. Durante a jornada é comum que os devotos circulem com ela por todos os cômodos da casa, a fim de abençoar toda a família.

²³ Cascudo (2000) distingue bandeira e estandarte, confundidos (segundo ele) como sinônimos: “a bandeira é fixada no pau pela extremidade superior e o estandarte pelo centro, na maioria das vezes, por meio de um cordel” (CASCUDO, 2000, p.45).

Aliny Lourenço

Figura 29: Bandeira da Folia "Sertão da Onça"

Aliny Lourenço, 2013

Figura 30: Bandeira da Folia de Reis "Divino Espírito Santo"

Durante as cantorias, todos os moradores da casa se revezam em segurá-la como sinal de devoção. Também há alguns “segredos” que apenas foliões e devotos mais antigos conhecem:

- colocar dinheiro embaixo da bandeira representa “esmola de falecido”, o que exige ritual especial com cantoria própria (os palhaços acendem uma vela sob a bandeira e ficam ajoelhados);
- se alguém der um nó na fita branca, o mestre “perde” a voz e para restabelecê-la, também necessita uma cantoria apropriada;
- quando colocam dinheiro na bandeira é o palhaço que deve retirá-la com a mão inversa em relação ao lado colocado (se foi colocado dinheiro do lado direito da bandeira, o palhaço deve retirá-lo com a mão esquerda e vice-versa).

Aliny Lourenço, 2013

Figura 31: Objetos de promessa da Bandeira

Durante os pousos ou momentos de descanso ela deve ser colocada em um lugar seguro e respeitoso e só deve ser tocada com muita veneração. De um ano para o outro ela fica guardada na casa do último festeiro, onde será retirada no ritual de saída do próximo ano. Porém também é comum a saída da bandeira para “Encontros de Bandeiras”, em diferentes localidades.

Segundo Garbosi (2002), as fitas coloridas que enfeitam a bandeira e outros objetos das Folias tem grande simbologia pelas suas cores: o branco é a cor do Menino Jesus, da paz; o azul é a cor da Virgem Maria, do céu; o rosa é a cor de São José, o símbolo do amor, da paciência; o amarelo é o ouro, o presente ofertado; o vermelho, o fogo representando o incenso e o verde, esperança, a cor da mirra.

3.6. O Dia da Festa

A Festa dos Santos Reis, também chamada de Dia da Entrega, é o momento mais esperado de toda jornada, representa a chegada dos Reis Magos à Belém. Tradicionalmente era realizada no próprio Dia de Reis, 6 de janeiro, porém, atualmente, pode ser realizada em um sábado do mês de janeiro previamente combinado entre mestres, foliões e comunidade. Os principais motivos para a mudança de data são:

- a necessidade que seja em um sábado para favorecer a participação de todos aqueles que assim desejam;
- como na região existem outros grupos de Folias de Reis, os mestres combinam sábados diferentes para a comunidade ter oportunidade de prestigiar as festas das diversas bandeiras, isto implica dizer que, após dia 6 de janeiro, há Festas de Reis em todos os sábados na região, até dia 02 de fevereiro.

Precedendo a festa há um mutirão, organizado pelos festeiros com a participação de família, amigos e vizinhos, para o preparo da estrutura do local, da alimentação, da decoração, dos objetos dos rituais etc.

Sobre o impacto das Festas de Reis na comunidade, podemos entendê-la com “uma festa cíclica, articuladora de todos os setores da comunidade que, a partir das ações do festeiro e da Companhia de Reis, reconstrói um patrimônio cultural, dando sentido atual a um passado tradicional [...]” (QUEIROZ, ZOET, 2012, p.6).²⁴

A festa acontece ao ar livre, em sítios ou fazendas da região que os próprios festeiros se encarregam de providenciar, às vezes no terreno de sua própria casa. A estrutura comum montada para as festas contam geralmente com: rancho coberto,

²⁴ Essa citação encontra-se em um estudo recente sobre a Folia de Reis, do Vale da Pedra, localizada em Aiuroca/MG, mesma cidade de onde veio a primeira bandeira de São José do Barreiro. Embora as autoras relatem que a Folia pesquisada tem mais de 120 anos, não foi possível ainda descobrir se há relação direta entre as duas Folias.

cozinha para preparação e distribuição dos alimentos, banheiros e um cômodo para preparação dos participantes. Essa estrutura, geralmente, é feita com placas de madeira, pois após a festa é desmontada.²⁵

Nesse dia há um grande encontro da comunidade, muitas pessoas comparecem, chegando cedo à espera da bandeira.²⁶

A chegada da bandeira é um dos momentos mais emocionantes, pois são os Santos Reis que ali estarão para participarem de todos os rituais. Os foliões chegam cantando, com o alferes à frente carregando a bandeira, e são recebidos com fogos e aplausos. Terminando a cantoria de chegada, inicia-se o ritual da passagem pelos arcos.

É montado um caminho que levará até o altar do presépio com três arcos. Esses arcos, geralmente de bambu, são enfeitados com folhas, flores e bandeirinhas de papel. Cada arco tem um significado e, antes da Folia passar por cada arco, o mestre explica a simbologia e a Folia faz a cantoria própria de cada arco.

Figura 32: Os três arcos do caminho de Belém

²⁵ Até 2013, a festa da Folia de Reis “Divino Espírito Santo” acontecia sempre em um mesmo local, no espaço de um sítio, bem próximo à zona urbana, que foi cedido pela própria dona e onde os foliões, com a ajuda da comunidade, já tinham montado uma estrutura. Com o falecimento da dona, a família deixou de ceder o local. Ficou mais difícil para as pessoas que moram na cidade, geralmente em casas sem muito espaço, conseguirem lugar adequado para a realização da festa. Os mestres vêm tentando, junto à Prefeitura, a doação de um novo espaço, para a construção da estrutura fixa.

²⁶ Principalmente as festas da Bandeira Sertão da Onça acontecem em locais distantes e de difícil acesso, na zona rural, no alto da Serra da Bocaina e, por ocorrerem em janeiro, mês de muitas chuvas, só motos ou carros com tração nas quatro rodas conseguem chegar. Dessa maneira, a maior parte dos devotos chega a pé, depois de muitas horas de caminhada. Na festa de 2013, a família do mestre Laércio e alguns foliões caminharam durante 3 horas para chegar ao local da festa, na Fazenda Roseira.

O primeiro arco representa o anjo que anunciou o nascimento de Jesus. Em frente a esse arco ficam duas sentinelas representando os anjos que protegem o Menino. Logo atrás das sentinelas, três meninas, as “Três Marias”, que significam a Estrela do Oriente que veio guiando os Reis Magos até ali.

Aliny Lourenço, 2013

Figura 33: Sentinelas do primeiro arco

Aliny Lourenço, 2013

Figura 34: As Três Marias ou a Estrela Guia

O segundo arco representa a Virgem Maria. Sob ele fica a festeira, acompanhada por duas crianças representando anjos. Quando a Folia chega nesse arco, a festeira recebe a bandeira das mãos do alferes, colocando nela uma flor.

Aliny Lourenço, 2013

Figura 35: A festeira Marinete, da Bandeira Divino Espírito Santo, na festa de 2013

Aliny Lourenço, 2013

Figura 36: A festeira recebe a Bandeira

O terceiro arco representa o Rei Herodes, onde está o festeiro, com uma espada em mãos (confeccionada em papelão e decorada com papéis brilhosos). Ele tentará impedir a Folia de passar, encenando com os palhaços uma luta, mais parecida com uma brincadeira. Os palhaços enganarão o rei e, com a Estrela à frente, a Bandeira e toda a Folia conseguirão passar para, enfim, chegar ao presépio.

Aliny Lourenço, 2013

Figura 37: O rei Herodes tenta impedir a passagem da bandeira

Aliny Lourenço, 2013

Figura 38: Brincadeira dos palhaços para enganar Herodes

Após a passagem pelo terceiro arco, a bandeira chega, enfim, ao seu destino final: a visita ao Menino Jesus. Os festeiros, as estrelas, a Folia e todos os convidados colocam-se em frente ao altar, onde está o presépio para fazer a cantoria de louvor ao Menino.

Aliny Lourenço, 2013

Figura 39: A Estrela do Oriente chega ao presépio

Aliny Lourenço, 2013

Figura 40: Os festeiros, a bandeira e o presépio

Durante a cantoria de louvor ao presépio, o canto de “Nascimento” ou “25 versos”, os palhaços ficam de joelhos e toda a comunidade presente, em silêncio, também faz suas preces de adoração ao menino Jesus e aos Santos Reis.

Após a adoração ao presépio, é feita uma pausa para o jantar. Esse é o momento de congregação entre todos os devotos por onde passaram a Folia, os foliões e os festeiros, fazendo deste um acontecimento importante, onde tudo o que foi arrecadado pelos Santos Reis será partilhado entre toda a comunidade. O cardápio é farto e variado: arroz, feijão, macarrão, frango, carne de boi e de porco. Todos comem à vontade, os pratos são servidos através de uma grande janela que se abre na cozinha, por ajudantes dos festeiros.

A abundância de comida tem significados variados e está associada à fartura de alimentos para o ano que se inicia. Alguns acreditam que comer a comida de Santos Reis traz sorte, ritual repetido todos os anos.

Figura 41: O jantar

Alinv Laurengo

Aliny Lourenço, 2013

Figura 42: Mutirão para servir o jantar

Após o jantar, a Folia se reúne novamente em frente ao altar do presépio para fazer as cantorias de agradecimento pelo jantar e pelas ofertas recebidas durante a jornada. É rezado o terço por um rezador, acompanhado pelos foliões e devotos. Durante todo o tempo a bandeira continua junto ao presépio, sendo reverenciada pelos participantes.

Aliny Lourenço, 2013

Figura 43: Os festeiros e os palhaços, durante festa da Bandeira Divino Espírito Santo

O último ritual da festa é a passagem da coroa, para a nomeação do próximo festeiro. Como já observado anteriormente, isso já foi estabelecido através de conversas com o mestre. Para o ritual forma-se um círculo, os festeiros do ano e as pessoas mais velhas estão sentados, todos os convidados ficam em volta da Folia que faz as cantorias próprias para o momento. Os palhaços vão realizando brincadeiras, tirando as coroas dos festeiros e as colocando sobre a cabeça de diversos convidados, até o momento solene, quando os próximos festeiros são finalmente coroados. Novamente com muita alegria e aplausos o momento é festejado, encerrando-se assim o ritual da jornada da Bandeira daquele ano.

Aliny Lourenço, 2013

Figura 44: Momentos de brincadeiras durante o ritual para passagem da coroa

Aliny Lourenço, 2013

Figura 45: Cumprimentos aos novos festeiros

Ao final dos rituais sagrados, inicia-se o baile que durará até o amanhecer. Durante o baile é comum a apresentação de calango, com a participação inclusive de alguns foliões. O calango é também um dos diferenciais das festas de Folias de Reis na região pesquisada, não tendo sido relatado em nenhuma das bibliografias que referenciaram este estudo. O mais comum, de acordo com as referências, é a presença das catiras. O calango é uma espécie de desafio em versos, acompanhado de viola e sanfona, segundo Ikeda (2004), é de influência mineira e comum no Vale do Paraíba.

A jornada de Reis chega ao fim, com muita alegria e sentimento de dever cumprido pelos foliões que, após um breve descanso, já começam a planejar a jornada do próximo ano. Tudo feito com muito zelo, amor e devoção aos Santos Reis, que os abençoarão e os acompanharão por todo novo ano. É esse sentimento de fé, amor e solidariedade que mantém vivas e ativas as Folias de Reis de São José do Barreiro.

E viva Santos Reis!

Figura 46: A coroa dos Santos Reis

Aliny Lourenço, 2013

Considerações Finais

Este trabalho propôs analisar e entender como as Folias de Reis de São José do Barreiro sobrevivem e se transformam ao longo de seus mais de 90 anos, compreendendo seus principais elementos e a sua importância para a comunidade local, revelando-se uma tradição expressa através da manifestação da religiosidade popular e muito significativa, não só para sua região, mas também enquanto representante da cultura brasileira.

Para atingir os objetivos propostos, no primeiro capítulo partimos da análise dos conceitos de cultura e identidade, primordiais para este estudo, e também buscamos compreender os conceitos e a historicidade das festas populares, assim como sua relevância para a cultura do país, apresentando, através de algumas imagens selecionadas, como o tema sempre esteve presente na representação de diversos artistas, por revelar-se importante fato do cotidiano.

No segundo capítulo analisamos os conceitos sobre patrimônio cultural imaterial, abrangendo a construção de seu conceito no Brasil e algumas discussões sobre o termo e o registro, além de apresentar a legislação vigente atualmente e os bens registrados no Brasil até a conclusão desta pesquisa.

No terceiro capítulo expomos, inicialmente com base em referenciais teóricos, a origem da devoção e das manifestações em louvor aos Santos Reis e sua difusão pelo Brasil, destacando as características que assumem em cada região. Continuamos apresentando, através dos resultados obtidos na pesquisa de campo, com a observação e reflexão criteriosas, ampliadas pelos relatos dos foliões e da comunidade, como as Folias de Reis acontecem em São José do Barreiro, apresentando seus principais elementos, suas características e suas transformações mais significativas, apontadas pelos participantes que testemunharam essas mudanças ou que as trazem na memória, pela oralidade de seus antepassados.

Como resultado desta pesquisa, entendemos que as festas continuam, na atualidade, sendo um expressivo meio de comunicação, salvaguardando as práticas ancestrais e as origens culturais da comunidade, conservando-se em função da colaboração de todos os membros que se mobilizam para sua organização e que dela participam posteriormente, vivenciando coletivamente a sua realização. São

momentos importantes de expressão de solidariedade, amizade, respeito e cooperação entre seus diversos atores.

Elas são fatos sociais e culturais, apresentam uma estrutura permanente que é repetida ao longo dos anos, mas incorporando constantemente novos elementos a partir das mudanças das sociedades nas quais estão inseridas, demonstrando sua capacidade de adaptação sem perder seu sentido.

Diante disso, as Folias de Reis tornam-se fatos importantes de análise como forma representativa da cultura popular atuando no contexto social como expressão cultural e religiosa.

As Folias de Reis de São José do Barreiro são exemplos ricos dessas características, demonstrando vitalidade para sua sobrevivência através do empenho dos foliões e devotos que compreendem essa manifestação, não só no sentido da devoção, mas também como um bem cultural que representa a identidade da comunidade.

Assim como afirma Passos:

O catolicismo popular é uma forma de exprimir os sentimentos e as emoções das camadas populares. Torna presente o ausente no cotidiano da vida. Através das diversas manifestações, o povo conquista seu espaço, organiza-o e o recria. Sob muitos aspectos, é um meio de fazer valer seus valores, seus desejos e utopias. É uma forma que as camadas populares têm para fazer valer sua história de vida. Ocorre, assim, um engajamento religioso e social do grupo. Permeado por um discurso menos elaborado e mais modesto, procura dar sentido à existência, organizar a visão de mundo, entender e explicar os diversos problemas. Isso é o que podemos perceber nas Folias de Reis. Existe nas manifestações populares uma consciência da vida, mesmo sendo diversificada e disseminada. (PASSOS, 2011, p.263).

Os devotos de Santos Reis utilizam essa manifestação não só como meio da expressão de sua fé, mas também para demonstrar sua responsabilidade como atores na preservação de uma identidade própria, expressa através da recriação constante de seus elementos rituais. É expressão de fé, mas também expressão da capacidade criativa dos diferentes mantenedores (foliões e demais membros da comunidade), reforçando assim a denominação conferida por Brandão (2004) de “artistas foliões”.

Repleta de símbolos e significados, desde as vestimentas até a preparação do local da realização de sua festa, a própria estrutura de participação dos

integrantes traz em si significados capazes de trazer à tona a realidade social, revelada através de sua hierarquia. Nesse ponto, a Folia de Reis é representação de símbolos sociais em tempos de fé e festa, nela se conjuga a expressão da cultura popular enquanto representação de símbolos e relações. Na Folia de Reis, em sua totalidade de expressão, ou seja, desde seu ritual de saída até o ápice da Festa de Reis, os símbolos e as representações estão imbuídos de significados, seja em seu contexto social ou puramente cultural.

Pôde-se observar, durante o trabalho de pesquisa, a preocupação dos mestres, foliões e devotos mais velhos de que essa manifestação não acabe. Para tentar preservá-la, os mestres investem nas crianças e jovens, ensinando a tocar algum instrumento e também os fundamentos das Folias de Reis, incentivando-as a participar desde pequenas, servindo como motivação e também oportunidade de acesso à cultura, em uma região carente de equipamentos culturais (cinemas, teatros, centros culturais e desportivos etc.).

A casa do Mestre Marinho, único mestre morador da área urbana da cidade, funciona, mesmo fora da época da jornada, como um centro de difusão cultural, pois nos momentos em que ele não está em seu trabalho, alguns adolescentes e jovens o procuram para aprender a tocar os diferentes instrumentos e também a confeccionar as violas. Além disso, sempre que há oportunidade de participação em eventos culturais fora da cidade (Encontros de Bandeiras, Revelando São Paulo ou outros), os mestres levam esses jovens assumindo a incumbência de seu cuidado. Observamos nas famílias desses jovens a total confiança em entregá-los sobre a responsabilidade dos mestres. Durante os períodos que acompanhamos a jornada da Folia, observamos crianças e jovens de idades variadas (entre 10 e 18 anos), passarem vários dias em jornada na serra, acompanhando seus mestres, que demonstravam, durante todo o tempo, preocupação em orientá-los não só sobre os preceitos da Folia, mas também sobre a formação de hábitos necessários aos seus desenvolvimentos de saúde e caráter.

Embora toda essa tentativa de preservação, nota-se que alguns jovens abandonam a jornada, muitas vezes pela necessidade de trabalhar e estudar em outras cidades.

Além do problema para encontrar novos foliões, o difícil acesso dos caminhos da jornada, acabam favorecendo a desistência de foliões mais velhos,

impossibilitados pelos longos e difíceis caminhos a percorrer (região de serra, com estradas de terra e muito mato).

Falta apoio da prefeitura no fornecimento de transporte para auxiliá-los a chegar aos locais mais difíceis ou para participarem dos Encontros de Bandeiras ou outras festividades. No último mês de julho (2014), aconteceu em São José dos Campos o Revelando São Paulo, edição Vale do Paraíba, do qual as Folias iriam participar, porém, por falta de verbas próprias para locomoverem-se e apoio de prefeitura, não conseguiram ir. Eles também buscam, junto à prefeitura, conseguir um lugar fixo para a realização das festas podendo, dessa forma, montar uma estrutura própria, o que facilitaria muito a organização da festa e a participação de novos festeiros.

Os mestres, principalmente o Sr. Jesus, que tem atuação política forte, procuram constantemente o apoio da prefeitura e de outros políticos da região no sentido de conquistar esses apoios necessários, porém o trabalho é árduo e muitas vezes ineficaz.

É nesse sentido que as políticas públicas de cultura devem favorecer formas de dar visibilidade a esses bens culturais. Um investimento primordial, que começa a fazer parte da política do IPHAN, mas ainda de uma forma muito tímida, é a educação patrimonial. O IPHAN criou recentemente um curso de mestrado nessa área e tem realizado vários seminários e encontros, principalmente nas comunidades que possuem um número mais vasto de bens culturais. No entanto, essa ação não pode ficar restrita apenas ao IPHAN ou a algumas comunidades. A educação patrimonial deve estar presente nas escolas, desde o ensino básico até a universidade, em abrangência nacional; e também ser propagada para toda a sociedade, através de ações divulgadas nos meios de comunicações.

Também é necessário o diálogo constante com as comunidades responsáveis por essas manifestações, garantindo condições necessárias para a permanência e a continuidade desses saberes e manifestações, além de sua fruição, para que outros indivíduos as conheçam e também sintam-se responsáveis por esses recursos culturais. Porém, é uma premissa o cuidado de que a fruição destes bens não os transforme em meros espetáculos, voltados apenas para o turismo ou visando somente benefícios econômicos. É primordial o respeito às comunidades e seus valores.

Entendemos que memória e poder, preservação e poder são inseparáveis, “o poder não é apenas repressor e castrador, é também semeador e promotor de memórias e esquecimentos, de preservações e destruições” (CHAGAS, 2005, p.82). Cabe, então, aos que de alguma forma detêm o poder (seja ele político, social ou de outras esferas) refletir sobre qual será a decisão acerca das nossa identidade e memórias culturais: Será a preservação ou o esquecimento? Espera-se, com grande ansiedade, que se opte pela conservação das nossas tão ricas manifestações culturais.

Este trabalho procurou evidenciar a importância da Folia de Reis de São José do Barreiro como um significativo recurso cultural, que pode ser enquadrado como um patrimônio imaterial relevante para a memória e identidade do Brasil, que deve ser salvaguardado, através de ações conjuntas entre comunidade e poder público.

Diante de todo o exposto, esperamos que este trabalho venha a contribuir para outros estudos, que possam aprofundar temas como as festas da religiosidade popular, representações simbólicas presentes nas festas populares e demais recursos culturais, principalmente, do Vale do Paraíba, região riquíssima em expressões populares variadas.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). *Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos*. RJ: Lamparina, 2009.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). *Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANDRADE, Mário. Anteprojeto para a criação do Serviço de Patrimônio Artístico Nacional, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 30, 2002, p.272-288.

_____. *Danças Dramáticas no Brasil*. São Paulo: Itatiaia, Instituto Nacional do Livro, 1982.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura Popular Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

Bíblia Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: Temas e situações*. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. *Reflexões sobre arte*. São Paulo: Ática, 1989.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 10ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1986. São Paulo

BRANDÃO, Carlos R. *Os Sacerdotes da Viola*. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. *A Folia de Reis de Mossâmedes*. Cadernos de Folclore n. 20. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

_____. *De tão longe eu venho vindo*. Goiânia: UFG, 2004.

_____. *O que é Folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, Théo. *Folguedos Natalinos*. 3 ed. Macéio

BRASIL, *Constituição da República Federativa do Brasil*. 17 ed. São Paulo, Atlas, 2003.

BRASIL. *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois: A trajetória da salvaguarda do patrimônio imaterial no Brasil 1936/2006*. Brasília, IPHAN, 2006.

BUENO, Fábio Martins. *O saber e o fazer no Museu do Folclore*. Coleção Cadernos de Folclore. Vol. 22. São José dos Campos/SP: CECF; FCCR, 2012.

BURKE, Peter. *A cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANESIN, Maria Tereza; SILVA, Telma Camargo (Orgs). *A Folia de Reis de Jaraguá*. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular, 1983.

CAPONERO, Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre Festas Populares, Políticas Públicas, Patrimônio Imaterial e Turismo. Patrimônio: *Lazer e Turismo*, v.7, n. 10, abr.-mai. –jun./2010, p.99-113. Disponível em:

<[http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_\(PLT_21\).pdf](http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_21).pdf)>. Acesso em 17/07/2012.

CAPONERO, Maria Cristina. *Festejando São Benedito: A Congada em Ilhabela, Recurso Cultural Brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Estética e História da Arte, Programa Interunidades /MAC da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CARMO, Ricardo. *Patrimônio Imaterial: Festas e Folias de Cabo Frio*. Síntese de palestra postada no Blog da Universidade Veiga de Almeida, RJ, Julho de 2010. Disponível em: <<http://quemfazhistoria.blogspot.com/2010/07/texto-do-folclorista-ricardo-do-carro.html>>. Acesso em 17/07/2011.

CARVALHO, Mônica. Folia de Reis não é folia de rádio. *Tempo social, Revista de sociologia da USP*, v. 22, n. 2. São Paulo, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10 ed. rev. atual. São Paulo: Global, 2001.

_____. *Folclore no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

CASTRO, Zaide de M.; COUTO, Aracy do Prado. *Folias de Reis*. Rio de Janeiro: Funarte, 1977. (Col. Cadernos de Folclore, n. 16).

CAVALCANTI, Maria Laura de Castro Viveiros. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. In. *Revista Tempo Brasileiro: Patrimônio Imaterial*. n147. Rio de Janeiro, 2001, p.69-78.

_____. Cultura Popular e Sensibilidade Romântica: as danças dramáticas de Mário de Andrade. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol 19, n 154, fevereiro, 2004.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e memória. *Revista Museu*, 2005. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>>. Acesso em 15/07/2012.

CHAUÍ, Marilena. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 17ed. São Paulo: José Olympio, 2002.

CORTELLA, Mario Sergio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. 7. ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

DANTAS, Fernando Antonio de Carvalho. Base jurídica para a proteção dos conhecimentos tradicionais. In: *Revista CPC/USP*, nº2, p. 80-95, maio-out. 2006.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no Ocidente*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ETZEL, Eduardo. *Divino: simbolismo no folclore e na arte popular*. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995.

FERREIRA, Maria Nazareth (Org.). Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares. *Comunicação e política*, v. 24. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos – CEBELA, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

FRADE, Cáscia (e outros). *Brasil: Festa Popular*. Rio de Janeiro: Livroarte, 1980.

FREIRE, Beatriz Muniz. O que é, o que é: Folclore e Cultura Popular. In: *Boletim Salto para o Futuro. Cultura Popular e Educação*. Rio de Janeiro: TV Escola, fevereiro 2003.

FUNDACC. *13º Encontro de Folias de Reis de Caraguatatuba*, 2011. Disponível em: <http://www.fundacc.com.br/ver_programacao.asp?id=162>. Acesso em 07/09/2011.

GABRIEL, Eleonora. Linguagens Artísticas da Cultura Popular. In: *Cultura Popular e Educação*. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

GARBOSI, Francisco. *História, mensagens e embaixadas de folia de Reis: quem eram os magos?* Londrina: Edição do autor, 2002.

GAUDITANO, Rosa; TIRAPELI, Percival. *Festas de Fé*. São Paulo: Metalivros, 2003.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMBRICH, E. H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). *Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos*. RJ: Lamparina, 2009.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, Istvan e KANTOR, Íris (Orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec; Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IKEDA, Alberto. *Folias de Reis, Samba do Povo*. São José dos Campos: CECP, FCCR, 2011.

_____. A música na terra paulista: da viola caipira à guitarra elétrica. In: *Terra Paulista: história, arte, costumes*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.

IKEDA, Alberto; PELEGRINI FILHO, Américo. Celebrações populares paulistas: do sagrado ao profano. In: *Terra Paulista: história, arte, costumes*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Disponível em: <www.portal.iphan.gov.br> Acesso em 15/11/2013.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). *Patrimônios Imateriais Registrado*. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/conOrdemE.jsf?ordem=3>>. Acesso em 10/07/2014

ITANI, Alice. *Festas e calendários*. São Paulo: Unesp, 2003.

JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. (Orgs.). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. 2 vol. São Paulo: Hucitec: EDUSP: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001.

KODAMA, Katia M.R.O. *Iconografia como processo comunicacional da Folia de Reis: o avatar das culturas subalternas*. 2009. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LAGE, Beatriz; LEITE, Edson. *Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro*. In: AJZENBERG, Elza (Coord.) *Arteconhecimento*. São Paulo: MAC-USP, 2006, p.49-55.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEITE, Edson. *Turismo Cultural e Patrimônio Imaterial no Brasil*. Tese de Livre-Docência em Cultura, Arte e Lazer da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Laurent. Patrimônio imaterial e diversidade cultural: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais. In: *Revista Tempo Brasileiro*, nº 147, p. 151-161, out-dez, 2001.

LIMA, Rossini Tavares. *Folgedos Populares do Brasil*. São Paulo: Ricordi, 1962.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1986.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Atlas, 2007.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade cultural e arqueologia. Valorização do patrimônio arqueológico brasileiro. Bibliografia. In: BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira Temas e situações*. 4ª edição. São Paulo, Editora Ática, 2002.

MOREYRA, Yara. De folias, de reis e de folias de reis. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia, v. 4, n. 2, p. 135-172, jan./jun. 1983.

MOURA, Antonio Paiva. Turismo e Festas Folclóricas no Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo & PINSKY, Jaime (orgs). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2004, 4ª ed.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. *A travessia da calunga grande. Três séculos de imagens sobre o negro no Brasil*. São Paulo, Edusp, 2000.

MURRAY, Charles. As Festas Populares como Objeto de Memória. In: *Cultura Popular e Educação*. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006

PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do Evangelho*. Rio de Janeiro: Publicação da Revista Mensal Sabedoria, 1964.

PASSOS, Mário. Lá vem a bandeira... os reis e seus atores. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, ano III, n.9, jan.2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>>. Acesso em 01/05/2013.

PELLEGRINI FILHO, Américo. *Folclore Paulista: calendários e documentos*, 2 ed, São Paulo: Cortez / Secretaria do Estado de São Paulo, 1985.

PERES, Simone de Lima. *Festa do Cururuquara em Santana do Parnaíba: recurso cultural do estado de São Paulo e do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Estética e História da Arte, Programa Interunidades /MAC da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

PERGO, Vera Lúcia. *Os Rituais das Folias de Reis: Uma das Festas Populares Brasileiras*. Universidade Estadual de Maringá, s/d. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>> Acesso em: 12/10/2011.

PESSOA, Jadir de Moraes; FELIX, Madeleine. *As Viagens dos Reis Magos*. Goiânia: UCG, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ do BARREIRO. *História e Festas*. Disponível em: <<http://www.saojosedobarreiro.sp.gov.br/>>. Acesso em 07/05/2013.

QUEIROZ, Ana Lúcia; ZOET, Márcia. *Folia de Reis: imagens, receitas e ladainhas (Aiuruoca-MG)*. São Paulo: Lettera/Ilumina, 2012.

RIOS, Terezinha Azeredo. *Ética e competência*. 18. ed. – São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Questões de Nossa Época; v.16)

RODRIGUES, José Honório. A tradição, a memória e a história. In: *Filosofia e história*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. P. 33-48.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. *Festas e Tradições*. São Paulo: Moderna, 2001

SANT'ANNA, Márcia. Patrimônio imaterial do conceito ao problema de proteção. In: *Revista Tempo Brasileiro*, nº 147, p. 151-161, out-dez, 2001.

SANTOS, Fabio Augusto de Oliveira. *As festas na Antiguidade*. 2010. Disponível em < <http://www.slideshare.net/professorfabio/as-festas-da-antiguidade>>. Acesso em 15/06/2013.

SÃO PAULO, Secretaria Estadual de Cultura. *A Folia de Reis e a proteção do Bastião*. Disponível em: < <http://www.cidadespaulistas.com.br/folia-de-reis/folia-de-reis.html> >. Acesso em 07/09/2011.

SÃO PAULO, Secretaria Estadual de Cultura. *Mapa Cultural Paulista*. Abaçai. Disponível em: <<http://www.abacai.org.br/index.php>>. Acesso em 01/09/2011.

SILVA, Affonso M. Furtado da. *Reis Magos: história, arte, tradições: fontes e referências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006.

SILVA, René Marc da Costa. Cultura popular e a educação. In: *Cultura Popular e Educação*. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

_____. Memória, Identidade e Patrimônio. In: *Cultura Popular e Educação*. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008

TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. O registro como forma de proteção do patrimônio cultural imaterial. In. *Revista CPC-USP* nº4, p. 40-71, maio-out. de 2007.
TINHORÃO, José R. *As Festas no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora 34, 2000.

TONI, Flávia Camargo. Me fiz brasileiro para o Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº 30, 2002, p. 75-91.

TORRES, Lúcia Beatriz. CAVALANTE, Rafael. Festas de Santos Reis. In: *Cultura Popular e Educação*. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

TRAVASSOS, Elizabeth. Contribuição ao inventário do jongo. In: LONDRES, Cecília, et. all. *Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas*. Série encontros e estudos 5. Rio de Janeiro: FUNARTE, IPHAN, CNFCP, 2004.

UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Imaterial*. Paris, 2003. Disponível em <<http://unesdoc.org/images/0013/01325/132540por.pdf>>. Acesso em 20/07/2012.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução de Hilário Franco Junior. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

VIANNA, Letícia. Patrimônio imaterial: novas leis para preservar... o quê? In: *Cultura Popular e Educação*. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Semana santa cabocla*. São Paulo: IEB, 1972.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

YAMAUCHI, E. M. *Persia and the Bible*, Baker Publishing Group, Miami, 1996.

ANEXOS

ANEXO 1

Estatuto de Folia de Reis de São José do Barreiro

ESTATUTO DE SÃO JOSÉ DO BARREIRO - SP

"FOLIA DE REIS DO SERTÃO DA ONÇA"

HISTÓRICO

A bandeira veio da "Lagoa Airoca" - MG, em 1920 - trazida pelo mestre:

Alexandre Ramos

Marubo (Palhaço) - Gustavo Diniz

Mestre - Antonio Rodrigues de Lima

Sebastião Gomes da Silva - integrante da folia

5 de Janeiro de 1920, foi feita a 1ª festa no bairro "Sete Espeto", área rural de São José do Barreiro, na casa do Sr. Antonio Pinto de Moraes (Festeiro).

A bandeira tinha 10 componentes e visitaram vários lugares; Fazenda Jardim, Bairro do Olaria, Bairro Branco, Fazenda do Veado, Dona Luiza, Rio Prata, Bonito, Fazenda Central do Brasil (Moinho), Bugre, Limeira, Fazenda da Gramma, Gavião, Dispraiado, Fazenda do Mineiro, Juca Pintado, Tanguá Roseira, Alegre, (Município de Bananal), chegou novamente na fazenda Sete Espeto, no dia 03 de Janeiro, descansou no dia 04, e no dia 05 de Janeiro, visitou mais de 03 casas encerrando com a festa.

(Na noite de 24 de Dezembro, a partir da meia-noite foi rezado o terço homenageando o "Menino Jesus", e cantando o nascimento com a participação de todos os componentes).

A FESTA - 15:00 horas de chegada:

A Festa foi no dia 05 de Janeiro de 1920 (Foi a primeira festa de quando chegaram no Sertão da Onça)

1º Arco, (Representando o anjo que anuncia o nascimento de Jesus). Um Sentinela significa o anjo, atrás do sentinela três meninas representam as 3 Marias, que carregam a estrela do Oriente.

45.387.040/0001-76
Of. Reg. Imóveis, T. e Documentos
e Civil e Jurídica - Bananal - SP
Rua Leon Gilson, 145
Centro - 12.850-000 - Bananal - SP
Telefax: (12) 3116-1961

2º Arco – A festeira (Representa a mãe do menino Jesus), atrás estão os meninos representando os anjos.

3º Arco Reis Herodes - (com 2 guardas, um de cada lado, tenta impedir a passagem dos palhaços), os palhaços abaixam a estrela e passam pelo arco sem serem notado pelo Herodes, e vai para o presépio, a folia canta o 3º arco e segue também para o presépio.

O PRESEPIO

È cantado o “Nascimento” 25 versos, fazem uma parada para jantar.

Em seguida agradece cantando as pessoas que deram prenda e oferta para a “Bandeira”, e não se encontraram em suas casas durante as visitas.

A passagem de coroa – e o processo de transmissão da festa de um festeiro para o outro. È cantado a perseguição do Herodes contra o menino Jesus, não aceitando o novo rei.

O terço – é rezado por um rezador, e cantado os mistérios pela folia.

Encerrando com cantigas de Calango até amanhecer o dia

Durante a festa e servido jantar (carne de vaca, leitoa e frango) não sendo permitido bebidas alcoólicas para evitarem inconvenientes.

Observação

Em 2010 a bandeira, completará 90 anos de Jornada, durante esse período nunca deixo de sair para as visitas.

Hoje só temos foliões, que são da 6ª geração dos primeiros mestres.

A Prefeitura de São José do Barreiro, promete apoiar a bandeira, fazendo a divulgação, facilitando o acesso e construindo um local apropriado para a festa e outras atividades.

Handwritten signature and date:
04/12/20
80.790

45.387.040/000-767
Of. Reg. Imóveis Tit. e Doc. Mptos
e Civil P. Jurídica – Bananal - SP
Rua Leon Gilson, 1090
Centro – 12.860-000 – Bananal - SP
Telefax: (12) 3116-1901

ESTATUTO

A bandeira – representa toda a simbologia da “Folia de Reis”, devendo sempre estar protegida pelo ALFERES, e pelas pessoas que estiverem recebendo a folia. (Ela é um símbolo religioso, onde deve ser encaminhado todos pedidos).

- 1 – ALFERES – É escolhido pelo festeiro, ficando responsável pelas prendas, e pelo cuidado com a bandeira.
- 2 – Mestre – É o responsável por manter a cantoria,
- 3 – Contra-Mestre – Auxilia o Mestre ou substitui a sua ausência.
- 4 – o Marubo – Faz a inteiração entre a folia de reis e o público.
- 5 – 1º Os foliões devem respeitar toda a família das casas onde fizerem a chegada.
- 6 – 2º A folia não admite a participação de mulheres, pois durante a jornada encontrara muitas situações que poderiam constrangê-la.
- 7 – Os foliões devem respeitar todas outras folias, independente de sua forma de manifestar.
- 8 – Os instrumentos – por recomendação dos primeiros mestres, os instrumentos ideais seriam 2 violas, 1 cavaquinho, 1 um violão, 2 pandeiros e uma caixa (zabumba), não permitindo outros instrumentos.
- 9 – Não é permitido bebidas alcoólicas durante a jornada
- 10 – O alferes é responsável por manter a ordem podendo até mesmo repreender qualquer folião.

Assinatura
80.770

45.387.040/0001-76
Of. Reg. Imóveis Tit. e Documentos
e Civil P. Jurídica – Bananal – SP
Rua Leon Gilson, nº 90
Centro – 12.850-000 – Bananal – SP
Telefax: (12) 3116-1961

Sigam-se
a. d. Atividade
Atividade

11 – Os foliões devem cumprir rigorosamente os horários marcados, evitando atrapalhar o andamento da festa.

12 – Os foliões devem cumprir todas as recomendações, garantindo a harmonia entre todo o grupo.

13 – Nenhum folião será pago para participar das jornadas, as doações serão todas revertidas para a festa.

14 – A bandeira, tem por tradição, não fazer leilões de prendas, e não cobrar nenhum alimento servido durante a festa.

15 – Em sinal de respeito, não é permitido fumar, ou usar chapéu durante a cantoria.

Em 1984, Jesus Pereira Lima, Laércio Rodrigues e Jair Diniz receberam de Geraldo Francisco de Camargo a responsabilidade de conduzir a bandeira.

Cartório de Notas
Tabelião: Laura Ribeiro Vissotto
R. Comendador João de Deus, 100 - Vila São José, CEP 13.115-140
Fone: (13) 3382.3382 - Fax: (13) 3382.3382

Reconheço por assinatura a firma e o valor econômico de:
[Assinatura] JESUS PEREIRA DE LIMA
São José do Barreiro, 17 de Maio de 2010
Em Testemunha da Verdade,
PARTICULARES: JESUS PEREIRA DE LIMA, ESCRITURÁRIO
Total: R\$ 1.000,00 (um mil e nada)

Escriturário: *Jesus Pereira de Lima*
Morte: *Procurador*

Jose do BARREIRO - 10
MAIO - 2010

São José do Barreiro - SP

Jesus Pereira de Lima
Jesus Pereira de Lima
RG: *1243278-4*
CPF: *106517912-95*

Laércio Rodrigues
Laércio Rodrigues
RG: *243244*
CPF: *016727456*

Jair Diniz
Jair Diniz
RG: *203318*
CPF: *07.732.652-01*

Cartório Notarial do Brasil - SP
FIRMA Econômica 1
0090AA002630

VALIDO SOMENTE COM O SELLO DE AUTENTICIDADE

ARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
BANANAL - SP
Reconheço (verdadeira) a firma (s) de *Jesus Pereira de Lima*
BANANAL, MAI 2010 valor recebido R\$ *1.000,00*
Ass: *Bel Juliano Nogueira Gonçalves*
Escriturário / Substituto

ERNESTO A. DE ALBUQUERQUE
OAB/SP 80.790

Jefferson
JEFFERSON FERREIRA DA COSTA
RG: *11305285*
CPF: *044.481728-05*

745.387.048/2001-767
O. Reg. Imob. e Civil e Documentos
Rua Leônidas de Almeida, nº 80
Centro - 13.800-000 - Bananal - SP
Telef.: (13) 3110-1961

“Folia de Reis do Sertão da Onça”

São José do Barreiro – Estado de São Paulo.

Ata de posse e compromisso da Bandeira de Santo Reis.

Aos vinte e cinco dias do mês de Dezembro de 1984, durante a festa de Reis, na casa do Senhor Anísio Rosa Diniz, no bairro do Olaria – Município de São José do Barreiro – SP,

Jesus Pereira Lima, Laércio Rodrigues e Jair Diniz, receberam do Sr. Geraldo Francisco de Camargo, (Mestre da Folia de Reis), o compromisso de dar prosseguimento na tradição das festas de “Folia de Reis”.

A transmissão desse compromisso deu-se em publico durante a referida festa, assegurado manter fiel a toda recomendações, e observação do Estatuto.

Composição da Bandeira em 25/12/1984

Jesus Pereira Lima (Mestre)
Laércio Rodrigues (Contra mestre)
Jair Diniz (Cavaquinho)
Juliano Garcia (Violão)
Admir Pereira Rodrigues (caxeiro)
Ednaldo Ribeiro dos Santos (Pandeiro)
José Edmilson Ribeiro (Pandeiro)
Valdemir dos Santos Lima (Palhaço)
Jaime Garcia (Alferez da Bandeira)

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
BANANAL - SP
Reconheço verdadeira (s) firma (s) de Jesus Pereira Lima
BANANAL, 10 MAI 2010 Valor recebido R\$ 3,00
Ass: Bel. Juliano Nogueira Gonçalves
Escritor / substituto

45.387.040/0001-76
Of. Reg. Impres. e Documentos
e Civil P. Juiz de Paz - Bananal - SP
Rua Leão, nº 90
Centro - 12.850-000 - Bananal - SP
Tel: (11) 3116-1961

Jesus Pereira de Lima CPF 10651795-98
RG 10493878-4
Laércio Rodrigues CPF 10651795-98
RG 10493878-4
Jair Diniz CPF 10651795-98
RG 10493878-4

Jefferson da Costa
CPF 044489728-05
RG 11.345.285

CPF 044489728-05
RG 11.345.285

Esses componentes que passaram na Folia de Reis do Sertão da
Onça de São José do Barreiro - SP

1. Alexandre Ramo
Gustavo Dinis
Antonio Rodrigues de Lima
Sebastião Gomes da Silva
Dalino Machado

2. Geraldo Rosa
Antonio Rosa
Ozéia Rosa
João Rosa

3. Geraldo Camargo
Zeca Camargo
Joaquim Candido
Mário Candido
Jaime Candido

4. Benedito Feliz da Silva
Sebastião Feliz da Silva
Vicente Feliz da Silva
Antonio Luciano

5. Pedro Arbano
Sebastião Arbano
João Arbano
Francisco Arbano

6. Eduardo Dimiciano
Eduardo Lôpe
Néco da Graúna
Baroso da Graúna
Salvador de São José do Barreiro

7. Francisco Pinto de Moraes
Laércio Pinto de Moraes
Tonico Pinto de Moraes
Miguel Gardino

8. Zé Miranda
Zé Carlos Miranda
Zé Elias Nastácio
Vaninho do Valter Manuela
Zé Gardininho

9. João Miguel
João Miguel Gardino
Amado Gardino
Jair Gardino
Arlindo Gardino

10. Sebastião Ancelmo
Geraldo Ancelmo
Valdomiro Ancelmo
Joaquim Ancelmo

11. Antonhozinho da Silva
José Tonha
Benedito Fernandes
João Fernandes
Joareis Fernandes

12. Arvino Ancermo
Vardivino Ancermo
Genezio Ancermo
Jair Ancermo

13. Sebastião Machado
Jordino Machado
João Feliz
Chico Marcelo

14. Fosto Dinis
Nego do Gustavo
Toti Jacinto

80-790
OAB/ba

45.387.040/0001-767
Of. Reg. Imóveis 711 - Documentos
• Civil P. Jurídica - Barreiros - SP
Rua Leon Siqueira, nº 90
Centro - 12.860-000 - Barreiros - SP
Telefax: (12) 3118-1861

Sebastião Balbino
João Russo
Chico Marcelo

15. Joareis Português
Nesço Português
Varti Caetano
Argel Caetano
Gessi Caetano

16. Benedito Ro Mane Veio
Ovídio do Justino
Nercio Justino
Anízio Justino
Renato Justino
Alcídio Justino

17. Jair Dinis
Edinaldo Ribeiro
Eduardo Ribeiro dos Santos
Joaquim Pereira de Lima

18. Ademir Pereira Rodrigues
Cláudio Pereira Rodrigues
Junior Pereira Rodrigues
Julinho Pereira Rodrigues

19. José Luiz Ribeiro
Joaquim Luiz Ribeiro
João Luiz Ribeiro
Lorenzo Ribeiro

20. Jozias Candido
Vanderlei Candido
Salvadorzinho Candido
Luiz Carlos Candido

21. Sebastião Pinheiro
Amado Nicreto

Elto do Rogério
Antonio Albano

22. Joãozinho Bento
Francisco de Paula Silva
Ogridio Silva
João Batista

23. Marinho do Salvador
Miro Anastácio
Tito do Anastácio
Joeme Anastácio

24. Valdomiro de Moraes
Renato de Moraes
Revelino de Moraes
Deni de Moraes
José Grilo

25. Sebastião Picão
José Domingo
Chico Picão
José Picão

26. Sebastião da Cunha
Inacinho Batalha
Zé Machadinho
Joel Dinis

27. Toninho Cezario
Zé do Cezarinho
Afonso Bento
Otavio Paulinho
Jorge do Coelho
Oracio do Picão

28. Laldeci Ribeiro dos Santos
Laldei Ribeiro dos Santos
Daniel da Parecida Feliz
Jurandi Candido

45.387.040/0001-76
Of. Reg. Imóveis, Títulos e Documentos
e Civil P. Jurídica - Baurat - SP
Rua Leon Gillo, nº 90
Centro - 12.850-000 Baurat - SP
Telefax: (12) 3116-1985

29. Jesus Pereira de Lima
Laércio Rodrigues
Jose Antonio Rodrigues
Darci Rosa Dinis
José Frosino
João Frosino
Juliano Garcia

30. Luiz Vitorino
Valdomiro Ribcero dos Santos
Dorvalino Pereira
Vicente Acácio
Saias do Vicente Acácio
Vava Macedo

31. Lorindo Machado
Arlindo Rodrigues
Paulinho Rodrigues
Rivelino Barbino
Lucemir Rodrigues de Lima

32. Geraldinho Camargo
Adair Camargo
Sebastião Camargo
Pedro Camargo
Benedito Rodrigues de Camargo

33. Antonio Durval
Zé Durval
Juberto Suzano
Sebastião Garcia

34. Jaime Garcia
Armando Pereira de Lima
Benedito Pereira de Lima
Valdemir dos Santos Lima

35. José Milton Afonso Marcilo
Ailton Afonso Marcilo
Fernando Chaga
Jorge Henque de Lima

36. Luizão do Zé Pinto
Orlando Miranda
Ocrídio Lorenço
José Lorenço

37. Neném da Constância
Xuxinha da Constância
José Milton João Português
Jair do Seu Laudelino

38. José Abelo
Toninho Abelo
Salvador da Onça
Lorindinho Machado

39. Valdeci do Nerso Américo
Valdeci do Zé Abelo
Valdir do Nerso Américo
Sebastião Miranda
Sebastião Brolio Pereira
José Consauve Pereira
Antonio Quirino

Divino Santo Reis que Abençoe a todos que mantêm a tradição.

A palavra de amigo a todos

Jesus Pereira de Lima

Laércio Rodrigues

Jair Dinis

Deus abençoe a todos as cantorias de vocês.

80.740

145.387.040/0001-767
Of. Reg. Imóveis Tit. e Documentos
e Civil p. Jurídica - Baniat - SP
Rua Leon Gildson, 90
Centro - 12.850-000 - Baniat - SP
Telefax: (12) 3134-1941

São Paulo, 02 de setembro de 2010.

Reconhecimento Público

Atestamos para os devidos fins, o reconhecimento público da Folia de Reis do Sertão da Onça como produtora da cultura tradicional paulista, estabelecida no Sertão da Onça, no município de São José do Barreiro, em pleno e regular funcionamento atendendo as finalidades para a qual foi criada, desde 1920.

Por ser verdade, firmo o presente.

Toninho Macedo

Diretor Cultural da Abaçai Cultura e Arte

ANEXO 2

REPORTAGEM SOBRE O CENTENÁRIO DA CIDADE

(relatando a presença do Jongo, expressão que não existe mais na cidade)

F-0844

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1959

supl. lit. : 2, 6.

O JONGO NO CENTENÁRIO DE SÃO JOSÉ DO BARREIRO

monia, de pedrele. Astfel, Tomă continuava săheretă, săbina, sălă dăa surgo Maria Kiv, prela. Că sebe 31 ane a surgo.

[illegible]

Enfado de não bater o rangueiro, saída de um lado, não que fassas birra. Está um outro cantado as raízes:

— Făi în se pământ?
— Tăvăla-mă?
— Tăvăla-mă?
— A dăcea mă în boaf?
— Tăvăla-mă?
— Tăvăla-mă?
— Mă, făz mădă
tăvăla co'a Chădă
mă mă tăvăla-mă.

Como ela entrou na sala e
começou a andar, desta vez com
postura diferente, em cima do
balcão.

— Tem galo de fama aí...
Tem galo de fama aí...
Molotov curti aquilo, gítho
bem a sério, dizendo que ia
lançar umas plágas. Tinha
mesmo, mas velhas, não voltas
mais...

Chico Eva assumiu a plebe deixada por Molise, manteve a realeza, o rei, a Maurício, negro sem propensão, mas bom jogador, começou a caçar. Dito mineiro, um crioulo de 25 anos, retirou da Fazenda do Ribeiro, filho de José Moricy e Isabela. Começa a caçar «grumentes» (isto é, procriação), mas ainda não briga.

E' que Maurício cantava:
 — Uma amorinha só não
 faz mal, gente, só!
 Uma amorinha só não faz
 mal, gente, só!
 Maurício só cantava duas
 vezes, mas não parava nunca.
 De vez em quando, um rapaz
 gritava: «Dancin, dancin, não
 ninguém dança mais!»
 Porém não aparecia em
 nenhum desfilado. E Maurício...

acostumava dando voltas e pântano pelo terreno de dança, e ninguém responde. Era um ponto impiedoso de charada, quase sempre em versos indolíveis. Até que um garoto, de mãos e pernas de aço, prestou-lhe um de de Deus, chegou-se bem perto dele e, com um

— Ah! China, eu sei, dou-lhe
a ponta do Martelo. Ela tá di-
zendo que a má lei está toda
mas não faz nada...
(Desce, na fúria dos
julgadores, e desce a, alguns
minutos, no teatro.)

Cláudio vive ao ouvir tais estímulos de alegria. Entre os cardiologistas 2 mudanças foram a grife: «Cardioperla», expressão da junção estado de espírito e saúde.

Toda parva de sãntos. Horta
em vespadas. Maurício não
estabelece a mal. Invenção. Foi
colocada em lugar ao centro,
aquanto o idealizãõ, com
a arte de a vilãria, dava uma
pa. no larja, passando toda
a mundo, para de-la comoçã.
— Te gema compãthã.
15-8

— Oh: qyloa-a?
 — Oh: qyloa-a?
 — Oh: qyloa-a-a!
 — Oh: qyloa-a!
 — Oh: qyloa-a!
 — Oh: qyloa-a-a!
 a' dilema-a-a
 cartação Vira guarda
 quão a boma sai
 a dita a vinda-a
 uma andorinha sem penas
 pois não é má
 pois não é má...

É que a história era assim. Maurício morava com Derva, perto velha, onde do 24, mas o segredo ficou ao Chico Era que não revelasse quem ele era e por isso, soube Maurício da data uma coisa. Derva e Maurício haviam brigado e estavam separados.

Depois de tão grande vitória os soldados pararam e foram empurrar a goiã e os instrumentos.

É o jong, pinhaagila sempre animado, homem e mulheres, estas em atividade alada maior, os jongueiros vozeiros dando tudo a os olhos rousabidos.

«O homem lá só me centre
entre minha beleza,
mas eu rapela meu dança...»

A madrugada se encontra logoando, os pássaros quando o dia clareia de todo. Suas canções cavadas pelo fogo brilhavam cegamente de fundos vermelhos criando estranhamente aquela marcha de serpente.

ANEXO 3

REPORTAGEM ATUAL SOBRE A FOLIA DE REIS “SERTÃO DA ONÇA”

6 QUARTA-FEIRA, 5 DE FEVEREIRO DE 2014
www.ovale.com.br

viver &

✦ PERFIL

PELA MEMÓRIA DO REPENTE E DA SANFONA

A história do mais antigo grupo de **Folia de Reis** de SP

Ao mestre com carinho

PAULA MARIA PRADO
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Foi no dia 5 de janeiro de 1920, em São José do Barreiro, quando o jatinista Jesus Pereira de Lima, 57 anos, nem pensava em nascer, que o tio de seu avô realizou a primeira Folia de Reis do grupo Sertão da Onça.

A mais antiga bandeira do Estado de São Paulo de que se tem registro deu origem a outros 12 grupos, comandados por familiares, em diversas cidades como Taubaté, Caçapava, São Sebastião, Bananal, Arapej, Cunha.

Hoje, o grupo pioneiro se mantém na ativa graças a Lima e Jair Diniz, primo dele, que todos os anos iniciam no dia 25 de dezembro a peregrinação pelas casas de Barreiro – uma folia que neste ano acabou em 8 de janeiro e, ano que vem, deve acabar só no dia 10 do mesmo mês.

Apesar de ser natural de Barreiro, Lima mora em São José dos Campos desde 1992 e, ao vir para cá, trouxe a tradição da folia.

Ele foi um dos vencedores do prêmio Mestre da Cultura

Viva, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, e é o perfil de hoje de **O VALE** na série “Ao Mestre, com Carinho”.

Enredo. São três “arcos”: o primeiro, chamado “Anjo”, traz o anjo que anunciou o nascimento de Jesus.

No segundo, “A festa”, celebra-se a mãe do menino Jesus; já no terceiro, “Reis Herodes”, os palhaços abaixam a estrela e passam por Herodes sem serem notados.

Na sequência, todos seguem para o presépio, onde ocorre mais cantorias e rezas.

A festa acaba com cantigas de calango – parecido com repentes – até amanhecer o dia.

“Nosso canto é diferente.

Meu avô costumava dizer: ‘não pode errar o verso, pular a rima, nem parar antes da sanfona’”, diverte-se Lima, que faz parte da quinta geração de cantores da família.

Regras. Mulheres não participam em alguns momentos da Folia para evitar constrangimentos, e bebidas alcoólicas não são permitidas.

“Atualmente, somos em 12 pessoas e todos respeitam as regras. Não tem banguça”, diz Lima, que resolveu dividir o prêmio com a turma.

“Não faço a folia sozinho. Nós somos um grupo. Então, achei justa a divisão, e todos ficaram tão felizes, que eu fiquei feliz de vê-los assim.” ●

Os mestres

Zé da Viola, 75 anos, violeiro, que possui mais de 70 canções

recebe até 600 pessoas

Mestre Lobão, 61, capoeirista, dono da primeira academia do ramo no Vale

Sebastião Marcolino, 80, mestre de Folia de Reis do mais antigo grupo de São José

Kardec Gonzaga, 56, sanfoneiro, autor de modas

Dona Lili, 95, figureira que ensina o ofício às crianças

Natália Machado, 60, festeira de São Gonçalo, cuja festa

Carlos Lourenço, 80, pescador e artesão, que conhece os segredos do Paraíba

Para Lima, a Folia de Reis é um ato de fé; o seu primogênito, de 10 anos, já acompanha o pai nas festas

✦ O PASSO A PASSO DA FOLIA

Bandeira

Sempre protegida pelo Alfere e pelas pessoas que estiverem recebendo a folia; é para ela que devem ser encaminhados todos os pedidos de bênção durante a Folia de Reis

Personagens

O Alfere é escolhido pelo festeiro e fica responsável pelas prendas e também pelos cuidados com a bandeira; o Mestre, por sua vez, é responsável por manter a cantoria

Personagens 2

O Contra-mestre auxilia o mestre na condução da festa ou o substitui em sua ausência; já o Marujo (ou Marombô) faz a interação entre a Folia de Reis e o público que acompanha a festa

Regras

Os foliões devem respeitar a casa onde firerem a chegada; não é permitido, por exemplo, bebidas alcoólicas, nem fumo e nem tampouco chapéu durante a cantoria e outras cerimônias

Regras 2

Nenhum folião é pago para participar. Também não deve ser cobrado qualquer alimento servido no dia, durante a passagem e cantoria; todas as doações são usadas para a festa

Instrumentos

Durante a Folia, os instrumentos recomendados são duas violas, um cavaquinho, um violão, dois pandeiros e uma caixa; os foliões devem cumprir rigorosamente todas essas ordens